

**Vivendo em Paris:
velhos e pequenos espaços numa metrópole**

**Carmen Silvia Moraes Rial
Miriam Pillar Grossi
2000**

Vivendo em Paris: velhos e pequenos espaços numa metrópole

Carmen Silvia Rial (UFSC)
Miriam Pillar Grossi (UFSC)

Índice

• introdução	2
• metodologia	3
• um pouco da história dos studios	4
• mercado imobiliário	11
1. aluguéis	13
2. compradores, os investidores	16
3. <i>viagers</i>	19
• espaço interno - uma etnografia da intimidade	20
1. vergonha das panelas	20
2. bain-douches	23
3. o “conforto”	24
4. cozinha-armário	27
5. uso do espaço interno – um espaço sonhado	29
• o espaço externo	32
1. a vista	32
2. os corredores e o telhado	33
3. elevador e escadas	34
4. as concierges	37
5. parques, cafês e livrarias	38
• conclusão	43
• post-scriptum	45
• bibliografia	45

Introdução¹

Já no século XIX, Paris significava para as elites intelectuais e artísticas brasileiras um lugar de modernidade: a cidade luz, a cidade da cultura mundial, o centro da produção artística e literária. Era uma cidade mundial como Berlin ou Viena², exercendo influência em outros continentes. Não é por acaso que uma das principais Universidades brasileiras, a Universidade de São Paulo (USP), iniciará suas atividades nos anos 30 com o apoio da “missão francesa” que incluía, entre outros, Claude Levi-Strauss. Mas será sobretudo a partir dos anos 60 que Paris vai se tornar um dos pólos de atração de estudantes brasileiros para a realização de seus estudos de pós-graduação aos quais se acrescentam, nos anos 70, exilados políticos da ditadura militar.

Um grande choque para a maioria destes estudantes que haviam escolhido Paris para morar, entre outras razões pela idéia de que se tratava de uma cidade *civilizada e moderna*, são as precárias condições de moradia às quais, por questões financeiras, eles devem se submeter. Os apartamentos em que devem morar têm, muitas vezes, menos de 20 m², estão localizados em prédios antigos, inúmeras vezes não têm WC e nem mesmo ducha ou banheira. São portanto, incomparáveis aos apartamentos destinados às classes médias no Brasil, a grande maioria deles construídos segundo padrões da arquitetura moderna.

O itinerário mais comum de moradia de um estudante brasileiro de pós-graduação em Paris inicia por um período de residência num quarto da *Maison du Brésil na Cité Internationale Universitaire*³. Ali, nos pequenos quartos, ele faz a primeira adaptação aos pequenos espaços que ocupará depois. Saindo da Cité, o mais provável é que alugue um studio, studettes e, não raras vezes, pequenas *chambres de bonne*⁴ reformadas - espaços localizados em geral no sexto andar dos prédios de estilo Hausmann e construídos para servirem de lugar de descanso para as empregadas (conhecidas em francês como “bonnes à

¹ Este trabalho foi realizado durante nosso período de pós-doutorado realizado em Paris em dois laboratórios do CNRS: Laboratoire d'Anthropologie Sociale do Collège de France e Cellule d'Anthropologie Visuelle da EHESS. Agradecemos ao apoio institucional da CAPES e de nossos colegas da UFSC que nos liberaram por dois anos de nossas atividades de ensino e administração. Este trabalho deve muito ao diálogo inspirador com nossa amiga Luiza Dalpiaz, professora do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUC/RS.

² Hannerz, Ulf “The cultural role of world cities” em Cohen, A, e Fukui, Katsuyoshi *Humanising the City?* Edinburgh, Edinburgh university Press, 1993.

³ Casa do Brasil na Cidade Universitária Internacional de Paris (CIUP). A CIUP está localizada no sul de Paris, num grande parque, no qual aloja umas 50 residências universitárias de inúmeros países do mundo, assim como restaurantes universitários, teatros, cinema, complexo esportivo, etc. Só são admitidos como residentes na CIUP, estudantes de pós-graduação, que só podem residir ali por 3 anos.

toute faire”)⁵, das casas burguesas. Esses espaços muitas vezes minúsculos servem, ao mesmo tempo, como quarto de dormir, cozinha, sala de refeições e lugar de estudo/trabalho. São apartamentos de passagem, como de certo modo é concebida a vida dos estudantes brasileiros em Paris, que não imaginam ali passar sua vida – um lugar temporário não apenas para os estudantes estrangeiros. Como mostra uma interessante pesquisa realizada com moradores de subúrbios de Paris, muitos vêem a cidade como um “lugar onde se pode ser outra pessoa, onde *nós atuamos* no sentido teatral do termo”.

Nos propomos nesse artigo a descrever e refletir sobre os pequenos apartamentos, espaços íntimos de moradia dos estudantes em Paris.

Metodologia

Esse paper é o resultado de observações e comentários de estudantes de classe média sobre suas condições de moradia em Paris, coletados em diferentes períodos nos quais vivemos em Paris, de 1968 até hoje, e também fruto de uma pesquisa de campo mais sistemática realizada em 1996/97, quando visitamos vários apartamentos em Paris.⁶ Nosso interesse pela questão nos levou também ao mapeamento do mercado imobiliário em Paris através de anúncios classificados e visitas à imobiliárias e apartamentos na condição de possíveis compradoras. Como em toda situação de pesquisa, inúmeros outros dados se acrescentaram à nossas observações, como a leitura de romances e de memórias de escritores franceses e estrangeiros que moraram em Paris e as imagens das moradias da cidade mostradas em filmes de ficção rodados na cidade. Fizemos uma pesquisa específica no acervo da Vidéothèque de Paris, mapeando vídeos, filmes documentários e de ficção que abordam, direta ou indiretamente, a moradia em Paris, privilegiando no nosso olhar a moradia estudantil e/ou as moradias precárias. Além disso, entrevistamos um arquiteto que trabalha num dos grandes escritórios parisienses e inúmeros moradores de pequenos espaços. Nosso enfoque centrou-se, porém, no olhar dos estrangeiros sobre as condições de moradia em Paris. Esta escolha metodológica se deve ao fato de que, pôr serem “olhares de passagem”, permitem o estranhamento e a formulação de agudas reflexões sobre estas situações, que a maioria considera de precariedade, apesar de muitas vezes nelas terem vivido por anos. Constatamos

⁴“Chambres de bonnes” se traduz por “quartos de empregadas”.

⁵“Bonnes à tout faire” pode ser traduzido literalmente como “boas para todo serviço”, ou seja, a palavra “bonne” para se referir às empregadas vem da falta de qualificação do serviço doméstico.

ao entrevistar parisienses, alguns morando em pequenos espaços há mais de uma década, que eles pouco diziam sobre suas moradias atuais e imediatamente começavam a preferindo relatar cenas do passado ou do campo⁷ - narrativas de banhos na cozinha da casa dos avós, de WC exteriores, etc - como se essas reminiscências fossem incompatíveis com suas vidas na metrópole parisiense. São inúmeros, no entanto, os relatos que temos de interioranos que ao se deslocarem à Paris⁸ para estudar tiveram de se submeter nos seus primeiros anos à habitar nestes pequenos lugares, mas que, uma vez instalados profissionalmente optaram por espaços maiores - preservando muitas vezes algumas das características destas moradias como, por exemplo, a de continuar morando nos últimos andares de prédios sem elevador.

Em geral nossos informantes eram estudantes de classe média entre 25 e 35 anos. Escutamos e visitamos os lares de dois tipos desses informantes: os que moram atualmente nestes espaços e os que nele moraram quando “eram jovens”, sendo portanto dois olhares diferentes sobre esta situação de moradia; o segundo mostrou-se mais perspicaz, como se a distância em relação a situação precária os tornasse mais capazes de refletir sobre sua condição anterior.

Um pouco da História dos *Studios*

Studios são designados pelos historiadores, na França, como *chambre unique* (quarto único). Já os economistas e parte dos anúncios imobiliários se referem aos *studios* como apartamentos de *une pièce* (uma peça). Aqui um parênteses se impõe para que pensemos esse modo de nominar os apartamentos. Na França, é comum se referir a apartamentos como "un deux-pièces", ou seja, “duas peças”, pouco importando a finalidade destas peças. A categorização por peças soa estranha para os brasileiros acostumados a ler anúncios de apartamentos onde sala e quartos aparecem claramente designadas. Num anúncio imobiliário no Brasil se lê: "um apartamento de quarto e sala". A indiferenciação europeia entre sala e quarto parece um resquício do tempo onde as peças da moradia eram indiferenciadas no seu uso. E, de fato, em Paris, muitas vezes a sala é transformada em quarto durante a noite

⁶ Inicialmente a fim de alugá-los para colegas (apartamentos maiores) e mais tarde (studios, studettes e chambres) já com a finalidade desta pesquisa.

⁷ Estamos traduzindo por *campo* o que os franceses chamam de *campagne*, termo que tem uma abrangência maior que em português, pois refere-se de forma mais abrangente ao mundo rural.

⁸ Não há um equivalente linguístico preciso em português para a expressão *monter à Paris*, que significa a decisão de ir morar em Paris por parte de habitantes de cidades do interior (*provinciaux*).

reassumindo sua função de sala durante o dia, como ocorre nas moradias brasileiras de camadas populares mas raramente nas das classes médias⁹.

Apesar do termo *une pièce* designar o imóvel no plano das legislações imobiliárias, atualmente em Paris, a palavra empregada para designar esses espaços de peça única é *studio*, categoria de moradia que se desenvolve no início do século XX em Paris para jovens rapazes burgueses celibatários tal como explicam Monique Eleb e Anne Debarre:

“A idéia do studio, pequeno apartamento para um celibatário (ou, a rigor, para um jovem casal sem filhos), emerge e torna-se moda nos meios não-conformistas. Trata-se de um espaço quase inteiramente dedicado à recepção, dotado de uma definição bem vaga. Paradoxalmente, o gosto pelos grandes volumes fluidos e pela multiplicação de atividades em um mesmo espaço levará a um dispositivo de dimensões restritas, mas aberto e destinado a uma pessoa (...) Se ele convém muito bem aos que escolheram um estilo de vida consoante com suas ideologia, ele também esconde a realidade de um espaço reduzido.”¹⁰

O que mais fortemente caracteriza o espaço interno dos *studios* são as multifunções de sua peça única, sua indiferenciação funcional. Ali se dorme, se come, se trabalha, se recebe os amigos. De fato, a *pièce unique* é apenas uma variante de uma concepção importante da moradia francesa que é a de possuir amplos espaços sem divisão e, não tanto a especialização dos mesmos como se encontra na cultura habitacional contemporânea das classes médias do continente americano¹¹. No entanto, o que nos chamou a atenção nestes espaços reduzidos de moradia foi o aspecto de precariedade que em geral eles apresentam, sobretudo por não

⁹ Estamos consciente da generalidade de termos como classes populares e acompanhamos Claudia Fonseca (1995) quando as define como grupos de baixa renda não implicando “nem em homogeneidade nem em isolamento dos sistemas simbólicos deste universo social”p.15. Quanto à diferenciação entre “classes populares” e “classes médias” estamos partindo de vastas discussões no seio da Antropologia Brasileira e ao falar de classes médias estamos nos referenciando à uma parcela da população que vive em grandes centros urbanos e que compartilha de valores culturais individualistas ocidentais contemporâneos. Velho (1994), Bourdieu (1983), Duarte (1986).

¹⁰“L’idée du studio, petit appartement pour un célibataire (ou, à la rigueur, pour un jeune couple sans enfant), émerge et devient à la mode dans les milieux non conformistes. C’est un espace presque entièrement dévolu à la réception, doté d’une définition assez floue. Paradoxalement, le goût pour les grands volumes fluides et pour la multiplication des activités dans un même espace aboutira à un dispositif aux dimensions restreintes, mais ouvert et destiné à une personne(...)S’il convient très bien à certains qui ont choisi un style de vie en accord avec leur idéologie, il cache en réalité un espace réduit.” Em Monique Eleb e Anne Debarre *L’invention de l’habitation moderne - Paris1880-1914*, Hazan et Archives d’Architecture Moderne, 1995, pp 188/189.

¹¹Em Paris mesmo os apartamentos de mais de uma peça costumam ter mecanismos internos que os transformam também numa “grande peça”.Na maior parte dos apartamentos maiores que visitamos, encontramos salas que se comunicam através de portas envidraçadas. As peças se abrem umas para as outras, formando muitas vezes um espaço circular. Para alguns informantes brasileiros há um “excesso de portas”nos apartamentos franceses. Num diálogo com uma moradora de um destes apartamentos escutamos que as portas serviam "para aumentar a intimidade." Quando ponderamos que uma parede, sim, aumentaria a intimidade ela corrigiu "é para tornar mais prática a circulação". Entre “intimidade”ou “circulação”, preferimos a explicação

possuírem instalações sanitárias completas, o que, no Brasil e nos EUA por exemplo, seriam condições mínimas para a moradia num prédio de apartamentos.

Os apartamentos de peças únicas (*chambre uniques*) ou *studios*, como passam a ser designados a partir do século XIX, são encontrados num passado que remonta ao século XVII quando as *chambres uniques* constituíam 31% dos lares parisienses, tendo a aumentado em número a final do séc. XVIII¹². As *chambres de bonnes* tornaram-se comuns no século XIX e, antes, nos séculos XVII e XVIII, famílias inteiras viviam em apartamentos de uma peça. No século XIX, os higienistas lançaram-se ferozmente contra esses espaços que consideravam “insalubres”.

O desconforto desses apartamentos é notório e foi alvo de inúmeros ataques dos quais merecem ser citados, além do movimento higienista, de grande amplitude e consequências, os de autores como Balzac¹³, Zola e Hugo, pela riqueza de detalhes que fornecem. Mas mesmo um simples administrador público da cidade, já em 1929, notava o desconforto de certos apartamentos, atribuindo sua aceitação a uma questão de raça:

"Todos os povos meridionais, os da raça latina em particular, não experimentam a mesma necessidade de conforto nas habitações que os das raças germânicas; isso se deve em larga medida ao fato das condições climáticas mais favoráveis levaram a tradições de vida no exterior incompatíveis com a preocupação da "home" que é particularmente característica entre os anglo-saxões. Ainda hoje, o trabalhador urbano ou rural, o comerciante, até mesmo o pequeno-burguês no nosso país têm certa propensão a condiderar os gastos relativos ao aluguel como dinheiro perdido(...) Na maior parte dos bairros do centro de Paris(...)a pequena burguesia aceita perfeitamente viver na ausência total de condições de conforto locativo que não seriam jamais admitidos por trabalhadores e empregados ingleses de antigamente e que não tolerariam hoje nem os alemães, nem os holandeses nem os suíços"¹⁴.

de um arquiteto francês para quem essas portas tornam a peça versátil, que pode ter seu uso alterado pela simbiose com a peça ao lado.

¹² Também é um traço surpreendente na habitação de Paris no passado a dispersão vertical das peças de mesmo apartamentno. Essa distribuição em vários níveis foi observada em 45% das habitações de no mínimo 2 peças. A maioria, 62%, são dispostas em 2 andares, como os duplex modernos; 24% em 3 andares, 10% em 4 andares e 4% em 5 ou mais andares. Pode-se imaginar, acrescenta a autora, as idas e vindas nas escadas, a fadiga dos habitantes que, além da alimentação, deviam prover água e combustível". Paindailhé-Galabrun, Annick *La naissance de l'intimité*, Paris, PUF, 1988pg.248/9.

¹³Balzac escreve: “En nivelant les fortunes, le titre du Code qui régit les successions a produit ces phalanstères en moellons qui logent trente familles et qui donnent cent mille francs de rente. Aussi, dans cinquante ans, Paris comptera-t-il les maisons semblables à celle où demeurerait au moment où cette histoire commence, la famille Thuillier...(*Les petits-bourgeois* 1843 p.2-4).

¹⁴ "Tous les peuples méridionaux, ceux de race latine en particulier, n'éprouvent pas le même besoin de confort dans l'habitation que les races germaniques; cela tient évidemment pour une large part à ce fait que les conditions climateriques plus favorables ont entraîné des traditions de vie extérieures incompatibles avec le souci du "home" qui est notamment caractéristique chez les Anglo-saxons. Jusqu'à ces derniers temps, l'ouvrier urbain ou rural, le commerçant, voire le petit bourgeois ont eu dans notre pays, une propension certaine à considérer les débours consacrés au loyer comme de l'argent perdu(...)Dans la plupart des quartiers du centre de

Como surgiram esses apartamentos aceitos sem restrições por moradores de “raça latina”? Os imóveis, antes destinados a família extensa, passam a ser destinados a família conjugal, definida pelo código napoleônico. Os primeiros apartamentos alugados no centro da cidade foram as chamadas *maisons bourgeoises*¹⁵, modelo que vai se consolidando progressivamente no curso dos séculos XVII e XVIII, e que deveriam ser antes de tudo, rentáveis¹⁶. Toda a originalidade que pudesse descartar uma clientela burguesa conformista era deixada de lado de modo que esses edifícios se multiplicaram de um modo uniforme, as diferenças se refletindo no montante do aluguel. Como não haviam diretrizes estabelecendo o seu gabarito interior, esses se submetiam em muitos casos *à la belle apparence*¹⁷ da fachada e da entrada. Estes edifícios são uma das consequências da revolução urbana de Haussman, cujo estilo arquitetônico e codificações urbanísticas ainda hoje marcam o espaço urbano de Paris¹⁸.

Na segunda metade do séc. XIX, o preço dos terrenos no centro de Paris aumentou enormemente acarretando uma modificação do volume da rua. A altura das casas cresce e a cada reconstrução se acrescenta um novo andar. Os apartamentos tornam-se menores e as peças primeiramente encolhidas para diminuir de tamanho foram os espaços onde os donos da casa raramente colocavam os pés: a cozinha e o quarto de empregada. As cozinhas, diz Martin-Fugier¹⁹, eram uma espécie de apêndice que se escondia e que se ignorava.* Em algumas regiões elas eram chamadas de *souillardes*²⁰, um nome que evoca bem o valor dado a essa peça. Algumas não tinham sequer janelas, em outras a janela distava apenas dois metros da cozinha do mesmo andar. A falta de aeração era completa, muitas tinham uma saída de ar

Paris(...)la petite bourgeoisie acceptait parfaitement de vivre dans une absence totale de confort locatif qui n'auraient jamais admis les ouvriers et les employés anglais autrefois et que ne toléreraient pas à l'heure actuelle les Allemands, les Hollandais ou les Suisses" em Bertrand, Jean Michel *Architecture de l'habitat urbain - la maison, le quartier, la ville*. Paris, Dunod, 1980

¹⁵ Casas burguesas.

¹⁶Cf. Bertrand, Jean Michel *Architecture de l'habitat urbain - la maison, le quartier, la ville*. Paris, Dunod, 1980

¹⁷ Bela aparência.

¹⁸Haussman, ao construir grandes avenidas parisienses respondia a dois objetivos principais. Primeiramente, a manutenção da ordem, pela destruição de ruelas que eram propícias a formação de barricadas. Daí a forma de raios das avenidas, retilíneas, pois assim seriam adequadas aos tiros de artilharia e as cargas de cavalaria. O segundo objetivo de Haussman foi a criação de um novo quadro urbano para a classe dominante, com prédios opulentos, grandes magazines, bancos e gares. O urbanismo propriamente dito, que se fundará em uma racionalização econômica da cidade, era ainda balbuciante. A palavra urbanismo só será criada em 1867, pelo epanhol I.Cedra. Cf. Butler,, Rémy e Patrice Noisette *Le Logement social en France 1815-1981- De la cité ouvrière au grande ensemble*.La Découverte/Maspero, 1983:20.201pp.

¹⁹Martin-Fugier, Anne. *La Place des Bonnes (La domesticité féminine en 1900)*, Paris,Grasset, 1979.

para o banheiro vizinho que também não tinha janela, o que fazia com que a cozinha se enchesse de toda a sorte de cheiros. O lixo era guardado sob a pia, muitas vezes aberto. A humidade produzida pela lavagem da roupa e o cozimento dos alimentos não encontrava saída. Nesse lugar, as empregadas passavam o dia inteiro e algumas delas, a noite também.

Não surpreende portanto, que os médicos higienistas tenham proposto mudanças de fundo para este lugar. Os doutores Thierry e Graux em 1909 defenderam uma reformulação que as tornaria um lugar mais saudável: sugeriam uma peça especial para a limpeza dos sapatos e roupas (que até então eram limpos no interior da cozinha) e a instalação de uma dispensa com armário para louça e roupa, ao lado da cozinha. Propunham também que a cozinha fosse fácil de limpar, revestida por azulejos e pintura lavável; que tivesse grandes janelas se abrindo sobre áreas espaçosas; que o armário de mantimentos fosse fechado – era situado sob a janela que se abria para um poço imundo, onde se sacudiam tapetes e se jogava parte do lixo -; que se instalasse um armário voltado para a rua de modo a refrigerar alguns alimentos, a *glacière*. uma espécie de geladeira²¹. Reivindicações de higiene foram defendidas também para as *chambres de bonne* que já ficavam no sexto andar.*

A utilização do sexto andar como lugar de moradia dos empregados é uma prática instaurada no início do século XIX e, de fato, disseminada na sua segunda metade. Antes, os empregados dormiam em quartos coletivos, dois ou três indivíduos do mesmo sexo numa só cama. Martin-Fugier (1979) se interroga sobre as razões do surgimento desses quartos no sexto andar e aponta a especulação imobiliária, que se intensificou no Segundo Império, como tendo levado a construção de edifícios mais altos para rentabilizar os terrenos. Como os prédios não possuíam elevador pareceu lógico reservar aos empregados a parte de acesso mais difícil. Para os especuladores imobiliários, o sexto andar era dos empregados porque não se podia fazer nada rentável com ele. Como escreve Jules Simon:

"Essas células são evidente e necessariamente inabitáveis pois, se fosse possível se manter ali de pé, respirar, viver, elas seriam colocadas para alugar e se encontraria, mais alto, ou, se não houvesse sótão, um lugar na cave ou nas escadas onde pudesse ser estendido um colchão para os empregados"²².

²⁰ Sujas, nojentas.

²¹ Este lugar, a *glacière*, existe até hoje em vários dos apartamentos que visitamos. São caixotes situados na parede que dá para o exterior e que no inverno fazem as vezes de geladeira servindo para conservar alimentos. São como uma geladeira natural, durante pelo menos 6 meses do ano em que as temperaturas parisienses são abaixo de 18 graus.

²² Simon, Jules *Archives Nationales*, 87 AP 20, dossier 66, "Nouveau Texte sur le logement des domestiques" sans date, manuscrit. Citado por Martin-Fugier p 127. Simon parece desconhecer, mas muitos dessas células

O quartos do sexto-andar comunicavam-se com o térreo por uma escada estreita, existente ainda hoje em alguns prédios, e que permite o acesso também a cozinha²³. Nesse andar, os quartos eram numerados e suas portas se abriam para um exíguo corredor. Podia-se encontrar trinta, quarenta ou até oitenta pessoas morando nestes quartos, que dividiam um ou dois pontos de água e WCs sórdidos no corredor. As chaves de um quarto serviam para abrir os outros no início do século XIX; ao final do século, já aparecem chaves individuais, situação que não alterou muito o alto nível de roubos nesse andar. Esse era um andar misto, ali dormiam empregados e empregadas, e assim se nutria entre os proprietários um imaginário de orgias que aconteceriam no sexto andar, embora haja poucas evidências da real ocorrência desses eventos²⁴.

Como era o quarto do sexto andar? Anatole France o descreve: "grudento, viscoso, amado pelas aranhas, onde circulam os odores lentos de pias"²⁵. Ficar em pé nessas células só era possível em uma superfície reduzida. As janelas eram na maioria das vezes *tabatières*, aberturas de luz no teto. Os telhados eram finos - deixavam passar o frio, no inverno, e se transformavam em fornos crematórios no verão. No inverno, para a toailete da manhã, o morador precisava antes quebrar o bloco de gelo que se formava na jarra de água, tal o frio destes quartos sob o telhado, tal como já denunciava em 1899 um artigo publicado no *La Fronde*, um dos primeiros jornais feministas francêss. Os móveis desse quarto eram simples: uma pequena cama de ferro, uma mesa de madeira, uma cadeira, uma bacia e um pinico. Mas acontecia do quarto ser usado também como guarda-móveis pelos patrões e atulhado de outros objetos. Como as roupas de cama não eram trocadas nem com a chegada de uma nova empregada, o sexto andar era frequentemente lugar infestado por pulgas e carrapatos.

A crescente preocupação com a precariedade inominável desses quartos, assim com o medo do retorno de epidemias, como a de cólera de 1849, conduziram à votação da lei de abril

foram de fato alugadas para operários tal como sublinha Martin-Fugier, op.cit. p.132. Ver também Annik Pardailhé-Galabrun, op. cit.

²³Zola, E. no *Pot-Bouille* (Paris, 1882) opoem o domínio dos senhores (a grande escada, solene, atapetada, aquecida) ao dos empregados (escada de serviço e o pátio sobre o qual se abrem as janelas das cozinhas imundas, cheia de grafites obscenos). Como se *à geografia do edifício correspondesse uma geografia moral* como observa Martin-Fugier, op.cit.p.128

²⁴Uma de nossas informantes, a antropóloga africanista Denise Paulme, nos contou que o empregado africano que seus pais tinham nos anos 20, morava no sexto andar. Segundo ela, ele tinha romances com todas as empregadas do bairro e, por ter engravidado uma jovem camponesa da Bretagne, teve de se desligar do serviço doméstico junto à família Paulme. (cf Grossi, M.P & Rial, C.S. "Notre chère Denise" em *ILHA* n.0, vol 0, PPGAS/UFSC, pp 97/118)

de 1850. Esta lei criou comissões de higiene dotadas de poder consultivo junto às municipalidades e confiou à estas o poder de intervenção em matéria de higiene pública. Segundo Butler, a lei de 1850 permaneceu ineficaz, por falta de vontade política, mas a cruzada higienista viu nela uma vitória e o incentivo para continuar sua pregação²⁶. As primeiras legislações protegeram pouco os residentes do sexto-andar. O decreto de 22 de junho de 1904 sobre Regulamentação Sanitária da Cidade de Paris limitou a superfície mínima desses quartos a oito metros quadrados, medidos a um metro e trinta de altura do chão, o volume da peça não podendo ser inferior a vinte metros cúbicos. Como se vê, ainda assim, se previa uma aeração mínima que foi evocada nas reivindicações dos higienistas alguns anos mais tarde.

Além destes prédios burgueses que relegavam os serviçais à viver sob o telhado, havia também em Paris um outro tipo de prédio, construído a partir do século XIX, exclusivamente para as classes populares, onde predominavam pequenos apartamentos. Neles, todos os andares se compunham de pequenas *pièces uniques* de 12m² em média, tendo um WC por andar que podia servir a mais de 10 apartamentos. Na mesma época, aos quartos exíguos dos sexto andar se opunham as largas avenidas construídas sob o impulso dos higienistas que defendiam corredores ensolarados, onde o ar e a luz circulassem facilmente. Estes parecem ter sido ouvidos mais facilmente no espaço público do que no doméstico: se comparamos, ainda hoje, as ruas francesas com as londrinas percebemos que em Paris as calçadas ocupam de 15 a 20 metros contra os 10 metros de Londres.²⁷

Estes pequenos prédios, que raramente chegam a ter cinco andares, foram gentrificados²⁸ do mesmo modo que as *chambres de bonne* do sexto andar, “aburguesando-se”, após a 2a Guerra Mundial com a valorização urbana de Paris intramuros. O século XX assiste, portanto, uma recuperação positiva de residências consideradas precárias, destinadas aos empregados dos apartamentos burgueses ou a famílias pobres.

²⁵Anatole France *Le Petit Pierre* Paris, 1918.

²⁶Cf. Butler, Rémy e Patrice Noisette *Le Logement social en France 1815-1981- De la cité ouvrière au grande ensemble*. La Découverte/Maspero, 1983:17.

²⁷ Cf. Butler, Rémy e Patrice Noisette op. cit.p.64

²⁸Para noção de gentrificação, cf. Smith, Neil, *The New Urban Frontier - gentrification and the revanchist city*, London, Routledge, 1996.

Muitos anos vão se passar até que os construtores comecem a construir moradias “para artistas”²⁹, que passam a serem designados como *studio* incorporando nesta categoria habitacional um imaginário positivo referente a um espaço com múltiplas funções e, principalmente a relação do espaço com a arte que a categoria *studio* reflete ao mesmo tempo que distancia da categoria quarto. Mas se *studio* é hoje a categoria mais empregada para a moradia de uma peça, encontramos também *studette* e *chambre*, como duas outras categorias recorrentes quando se trata de moradias de uma peça com menos de 15 m². O que distingue a *studette* do *studio* é nitidamente o seu tamanho mais reduzido e o fato, de muitas vezes, ela ter apenas uma pequena cozinha e/ou uma ducha sem possuir WC. Já a *chambre* é menos qualificada ainda pois nunca tem WC, raramente tem ducha e espaço para cozinhar e muitas vezes nem água quente possui.

Mercado Imobiliário

O metro quadrado é em Paris um dos mais caros do mundo, assim como outras grandes capitais mundiais. Hoje, em Paris intra-muros o preço do metro quadrado pode variar de 10 a 30 mil francos (ou seja, de 2 a 6 mil dólares por m²). Esta variação se dá em função de diferentes fatores, mas predominantemente em função do bairro³⁰. No período de nossa pesquisa o 6ème era o bairro mais caro da cidade e o 18ème, 19ème e 20ème, bairros do norte da cidade, os mais baratos. No entanto, existem enormes diferenças do preço do m² num mesmo bairro e, muitas vezes, no mesmo prédio.

29 Entre inúmeros exemplos de artistas que moraram em pequenos studios temos o de Erick Satie que denominou seu pequeno apartamento de placard (armário embutido) hoje transformado no “menor museu do mundo” no 6, Rue Cortot em Montmartre, no 18ème arrondissement, bairro artístico e boêmio por excelência, e pode ser visitado com hora marcada segundo informação do Guide des Maisons d’Artistes et d’Ecrivains en Région Parisienne, ed. La Manufacture, 1995. Ele é tão pequeno e tão original que continua sendo usado artisticamente: ali se executam concertos miniatura para apenas 7 pessoas. Também Marcel Duchamp, que habitava um destes pequenos espaços, criou soluções originais, como a porta única de 3 abas capaz de abrir e fechar três peças (quarto /sala/cozinha); solução que inspira hoje um grupo de artistas do 5ème arrondissement (quartier Mouffetard) que fizeram uma exposição para escolher a placa que seria instalada em sua homenagem em frente ao prédio onde ele morou na rue Larrey, neste bairro.

30 Apesar de ainda permanecerem as características do passado que permitem a convivência num mesmo prédio de diferentes tipos de moradores, cada vez mais a cidade está incorporando a gentrificação como modelo, fazendo que determinados bairros tenham mais valor que outros. A distribuição dos bairros (arrondissements) em Paris segue a forma helicoidal, o número dos bairros cresce à medida em que nos afastamos do centro da cidade, aqui tomado como a Ile de la Cité, que foi historicamente o primeiro lugar habitado da cidade.

Diferentes fatores concorrem para se estabelecer o preço do m² num mesmo bairro: o tipo de material de construção do prédio - pedra talhada ou tijolo³¹ -; o andar no qual o apartamento está localizado; seu estilo arquitetônico; a proximidade de conveniências como o metrô e o comércio alimentar; etc. O estilo dos prédios é classificado pelos francêss com termos como burguês (*bourgeois*), bom prédio (*bon immeuble*), pequeno prédio antigo (*petit immeuble ancien*) e prédio de caráter (*immeuble de caractère*); categorias vagas mas que determinam o lugar do prédio na hierarquia de reconhecimento social dos moradores. O andar no qual está localizado o apartamento, essencial na variação do preço do m², é um dado menos vago. De modo geral, o térreo e o 6o andar são os mais baratos por razões de salubridade: no caso do térreo, trata-se da pouca claridade e da proximidade da rua; no caso do sexto andar, refere-se a ausência de elevador e a falta de isolamento em relação ao telhado. Quando se trata de prédios burgueses ditos *de caractère*, frequentemente os *studios* se encontram nestes dois andares extremos. Quando no térreo, eles provêm das antigas moradias das zeladoras (*loges de concierge*) que gradativamente foram desaparecendo dos prédios burgueses com a introdução de códigos de acesso ao prédio³² e com uma certa individualização dos moradores parisienses que torna a função da *concierge* desnecessária. Quando no 6o andar, estes apartamentos são antigas *chambres de bonne* gentrificadas a partir de 1920 quando a valorização dos serviços e o conseqüente aumento dos salários tornou proibitivo uma empregada para a maioria das famílias de classe média em Paris. No lugar das empregadas, muitas famílias de classe média se utilizam hoje dos serviços de jovens estudantes estrangeiras (*jeunes filles au pair*) que trocam algumas horas de trabalho por dia pela moradia, continuando assim a ocupar as antigas *chambres de bonne*, agora bem renovadas. Visitamos uma destas *chambres de bonne* com apenas 7m², ocupada por Janete, jovem estudante brasileira, na chique Rue du Four no 6eme, na qual havia milagrosamente uma cama, uma mesinha para trabalho, um box com chuveiro, uma pia, uma placa elétrica com bocas de fogão, um forno microondas, uma pequena geladeira, um armário para roupas e prateleiras para louça e alimentos sob a pia. Ou seja, a rigor, apenas o WC estava no exterior do apartamento, que

³¹ Em francês, *Pierre de taille, brique*. A construção em *Pierre de taille* tem um grande elan entre 1880 e 1895, período no qual há um importante crescimento econômico na França que tem como conseqüência um forte investimento na construção. As classes dominantes exigem uma fachada que testemunhe seu poder, tal como a *Pierre de taille* parece significar até hoje nos anúncios imobiliários.

³² O, código de acesso, ou *digicode* é uma placa numérica colocada do lado de fora do prédio que controla a abertura da porta através de um código conhecido apenas pelos moradores, seus amigos e o carteiro (personagem fundamental na vida cotidiana francesa, uma vez que a correspondência postal era até bem

Janete com humor chamava de *kinder-ovo*. Nesse prédio, todos os quartos do fundo, janela abrindo para o pátio (*cour*), eram desse tamanho. Mas não raramente, estas antigas *chambres* são reagrupadas a fim de formar um pequeno apartamento com banheiro e canto-cozinha (*coin-cuisine*).

1.os aluguéis

A presença massiva de locatários é uma característica histórica de Paris. No séc. XVII e XVIII, 77% da população era locatária pois, segundo Pandaillé-Galabrun, “Não era comum ser proprietário de sua habitação no Paris dos séculos XVII e XVIII(...) os parisienses dessa época não se incomodavam de serem locatários, mesmo os de famílias abastadas cujo patrimônio compreendia casas na cidade ou nos arredores frequentemente eram simples locatários de sua residência principal”³³. Não temos elementos para afirmar se essa atitude de desprendimento permanece ou não; o fato é que, segundo as estatísticas do INSEE, 54% das moradias em Paris são alugadas. Pelas informações que obtivemos junto aos agentes imobiliários, uma parte considerável da compra e venda de apartamentos pequenos na cidade tem como público interessado investidores que os colocam em locação. É compreensível, portanto, que a categoria “investidor” (*investisseur*) seja frequentemente empregada nos anúncios imobiliários dos *studios* à venda. Em alguns casos, conforme lemos nos anúncios a seguir, estes apartamentos são dirigidos à famílias do interior da França (*provinciaux*) ou do subúrbio parisiense (*banlieu*) em vista de acomodarem os filhos durante seus estudos universitários em Paris.

Atualmente existem três tipos de contrato de locação em vigor na França: o contrato por 3 anos, o contrato para apartamentos mobiliados e o contrato temporário, estes dois últimos tendo menos controle que o primeiro e, portanto mais sujeitos às variações do

recentemente uma das mais importantes formas de comunicação – a internet sendo, na época de nossa pesquisa, um instrumento usado por poucas pessoas).

³³ Il n’est pas très courant d’être propriétaire de son habitation dans le Paris des XVII et XVIIIème siècle. Les Parisiens de cette époque ne répugnent pas à être locataires, même des familles aisées dont le patrimoine comprend des maisons dans la ville ou dans la banlieue sont souvent de simple locataires de leur résidence principale”. Pandaillé-Galabrun, Annick. *La naissance de l’intimité*, Paris, PUF, 1988:196

mercado de habitantes temporários na cidade, no qual se enquadram a maior parte dos estudantes.

Desde o início do século, as condições de aluguel têm sido definidas por lei. A primeira lei, de 1918, legalizou o decreto de 1914 que fixava o aumento dos aluguéis. Após a 2ª Guerra Mundial, através do decreto de 22 de dezembro de 1948, editado após longas discussões, o valor locativo passou a ser definido pela superfície real modificada por corretivos que levam em conta a qualidade do imóvel (ensolação, equipamento, lugar ocupado na aglomeração, sujeição a vizinhança, etc.). Os aluguéis foram liberados nos imóveis novos, e em alguns imóveis antigos, dezesseis anos mais tarde, em 1962, mas a crise econômica de 1975 restabeleceu a vigilância sobre os aumentos.

No início dos anos 80, com a eleição de François Mitterrand, o medo da presença dos socialistas no poder fez com que uma grande parcela dos proprietários de imóveis preferisse deixá-los fechados à alugá-los. Com isso, os poucos apartamentos disponíveis foram disputados por dezenas de candidatos a moradia. Neste período, a dificuldade de encontrar uma moradia era muito grande, sobretudo quando se tratava de estudantes estrangeiros, que representavam 1/3 do 130 mil estudantes universitários em Paris. Relatos de estudantes africanos da época ilustram os dois maiores empecilhos para o aluguel de uma moradia na época: a raça e o sexo masculino³⁴. A questão étnica, levantada já em 1981 nos depoimentos do documentário *C'est déjà loué*, é seguidamente lembrada pelos proprietários. Os estudantes estrangeiros, sobretudo africanos e maghrebins³⁵, são evitados como inquilinos porque costumam dividir o apartamento com outros estudantes, o que, dizem os proprietários, desvaloriza o prédio. Também não lhes interessa um longo contrato, o que geralmente ocorre pois esses estudantes permanecem muitos anos em Paris, muitas vezes fazendo toda sua formação universitárias (do 1º ao 3º ciclo)³⁶. Outras nacionalidades de estudantes, como os norte-americanos que aparentam mais posses e são em geral brancos, são bem-vindos pelos proprietários porque raramente vêm à Paris para estudos de longa duração. Porém, o inquilino

³⁴ *C'est déjà loué*, documentário em vídeo de Joel Dupont, 13 mn, couleur, 1981 (arquivo da Vidéothèque de Paris).

³⁵ Maghreb é a região cultural situada na África do Norte (Marrocos, Argélia e Tunísia), local de onde provêm grande parte dos estudantes estrangeiros por se tratarem de ex-colônias francesas onde o ensino é feito em francês. Os estudantes da África Negra francófila são também numerosos mas em muitos casos menos discriminados que os primeiros.

³⁶ O sistema francês universitário tem três ciclos: DEUG (Diplôme d'Etudes Universitaires Générales) com 2 anos equivalente ao primeiro ciclo, Licence e Maîtrise, equivalente ao segundo ciclo e Doutorado, equivalente ao terceiro ciclo.

ideal é o estudante francês proveniente do interior, que conta com a ajuda econômica dos pais e/ou da prefeitura de Paris, cuja outorga mensal de 1500 francos como “ajuda a moradia” (*allocation logement*) é considerada pelos agentes imobiliários como excelente garantia de solvabilidade. O fato desse locatário de modo geral deixar o apartamento devolvendo-o ao mercado imobiliário tão logo termine os estudos é uma vantagem extra apontada pelos proprietários, sobretudo porque estes pequenos apartamentos não sofreram com o rebaixamento generalizado dos aluguéis em Paris nos últimos anos³⁷.

De fato, os aluguéis de apartamentos, que cresceram assustadoramente na década de 80, estão em baixa hoje em Paris, refletindo uma “crise” do mercado imobiliário local que teve início em 1993. Atualmente, o custo do m² de aluguel de um apartamento com *conforto*³⁸ (ou seja, com WC e ducha ou banheira) na cidade varia entre 80 a 100 francos³⁹. No entanto, os apartamentos de uma peça custam em geral bem mais do que isto, podendo chegar à 200 francos por m², como ilustram os anúncios das precárias *chambres e studettes* publicados em maio de 1997 em diversos jornais, revistas e boletins de imobiliárias como nos exemplos abaixo:

9 m² - 1724 f- Abesses (18^e), Chambre avec meubles, kitchenette, WC séparé, douche. Pied Butte Montmartre.

O anúncio acima oferece um quarto mobiliado de 9 m² por 1724 francos (em torno de 300 US) no bairro 18, os pés da colina Montmartre (lugar habitado por artistas). O wc fica fora do quarto, mas há uma ducha nele e um espaço para cozinhar (kitchenette).

³⁷ Se em 1981 uma *chambre* custava 450/600 francos e uma *studette* 800/1200 francos, no final dos anos 90 não se encontrava nenhum anúncio de *chambre* ou *studette* por menos de 1600/1800 francos em bairros como o 11^e e o 12^e; eles sobem rapidamente para 2.000/2.400 francos nos bairros próximos às Universidades e às Grandes Ecoles, como o 5^e e 6^e onde o preço dos *studios* é ainda mais elevado.

³⁸ O Instituto Nacional de Estatística Francês (INSEE) distingue as habitações francesas quanto ao seu “conforto” em três categorias: 1. muito infortáveis são ditos os apartamentos sem ponto de água, sem WC e instalação sanitária; 2. infortáveis são as habitações sem água, WC e instalação sanitária mais com aquecimento; 3. todo conforto são consideradas as habitações com WC no interior, instalação sanitária e aquecimento. Além disso, o INSEE utiliza a categoria de “mal abrigado” seja para os que ocupam uma habitação muito infortável, seja porque estão em situação de superpopulação acentuada, ou então porque estão nas duas situações ao mesmo tempo

³⁹ Dados do *Le Monde* de 11/12 mai 1997. “A l’heure actuelle, on estime que le prix de location moyen au mètre carré dans Paris se situe dorénavant autour de 95 francs. Ce loyer est généralement plus élevé pour les petites surfaces (environ 110 francs pour le centre de la capitale) que pour les grandes (environ 93 francs)”. “Autre signe des temps: tandis qu’en 1992, les locataires parisiens devaient essuyer des augmentations de 6 ou 7% l’an, ce rythme de hausse est revenu, depuis 1995, aux alentours de 1% dans Paris (...) Dans les années 80, un changement de bail était l’occasion de relever le niveau du loyer de 10 à 15%, d’où l’adoption de mesures d’encadrement toujours en vigueur. Mais, depuis quatre ou cinq ans, c’est le phénomène inverse qui se produit, de nombreux propriétaires étant contraints de baisser le loyer de biens qui ne sont plus à leur prix de marché.”

10 m2 - 2.000 F - Cité Universitaire (14è) - Chambre meublée avec douche. 6è étage. Chf collectif.

Este anúncio, oferece por 2.000 francos um quarto mobiliado com ducha no sexto andar com aquecimento central (o que é considerado uma vantagem pois é uma despesa a menos no inverno com aquecimento), no bairro 14, num lugar bastante valorizado pelos estudantes pois é perto da Cité Universitaire.

10 m2- 1587,50f Paris (17è) Rue Th de Banville, 8è étage, asc jusqu'a 7è. Chambre de service, WC sur le palier.

Por 1587,50 francos este anúncio oferece um quarto no oitavo andar, sem nenhuma comodidade a não ser de que há elevador até o sétimo andar.

12 m2 - 1875 F - Arts et Métiers (3ème) - Refait neuf, chambre, 6ème étage. douche, bloc kitchenette.

Este anúncio não especifica do que se trata, mas dá a entender que é um studio que foi renovado recentemente, quarto, 6o andar, ducha, bloco kitchenette.

12 m2 - 2500 F - Rome (17e) - Studette. Au 1er étage sur rue calme. Coin douche. Proche du Marché de Levis.

(studette. Primeiro andar sobe rua calma. Canto com chuveiro. Próximo ao Mercado de Levis.)

Como é possível observar nestes anúncios, são poucos aqueles que oferecem cozinha, banheiro com ducha e W.C. e é impossível alugar um quarto por menos de 300 dólares.

Estes preços referem-se evidentemente a aluguéis novos mas encontram-se ainda muitos estudantes que moram em quartos por 1.000 francos por mês, pois se tratam de contratos feitos há mais de 10 anos e que são reajustados anualmente segundo os parâmetros legais⁴⁰. Ainda hoje encontramos sub-locação (os contratos dos apartamentos estando no nome de uma pessoa outra que o morador) por inúmeras razões, mas principalmente pelas dificuldades de se fazer um contrato quando não se tem como comprovar uma renda quatro vezes maior que o preço do aluguel. Porém, ao contrário do que ocorria no século XVIII em casos de sublocação, aqui o locatário oficial nada recebe em troca de ter cedido o apartamento pois o faz geralmente para um amigo ou conhecido quando decide habitar num lugar maior ou voltar para seu país. A sub-locação era mais comum na década de 80 - quando o mercado

⁴⁰ A variação dos aluguéis também foi observada historicamente. Galabrun conta o caso da "esposa de um padeiro pagava 54L de aluguel anual em 1770 por um quarto no sexto andar enquanto uma moça pagava 135L no mesmo ano por um no 2 andar, as duas morando nas ruas vizinhas da paróquia de Saint-Eustache. No início do séc. XVII, um quarto era alugado em média por 36L mas entre 1727 e 1790 os aluguéis sobem, sendo raramente inferiores a 60L por ano, chegando inclusive a 150L.

imobiliário em Paris apresentava maiores dificuldades de oferta- do que hoje, quando se observa uma tendência a queda dos alugueis dada a grande oferta de apartamentos na cidade.

2. os compradores: investidores

Enquanto os anúncios de aluguel são claros a respeito das limitações dos imóveis, os anúncios de venda destes pequenos espaços têm outra característica: a de torná-los atrativos por alguma característica particular: a vista, o bairro, o silêncio. Ao contrário dos anúncios de grandes propriedades e castelos estudados por Marc Augé⁴¹ que estimulam a imaginação do leitor com descrições detalhadas de todas as peças, os espaços pequeníssimos que estudamos, exigem dos anúncios outras estratégias retóricas. O anúncio nunca supõe que o leitor/comprador irá morar no lugar. Para evitar qualquer constrangimento, constroem-se duas figuras subjetivas no texto: um provável futuro locatário, o *estudiante*, e o comprador, na pele menos incomoda de um *investidor*. Ou seja, os textos consideram esses pequenos apartamentos de uma peça como destinados a investidores que tem os estudantes como público alvo de futura locação. Por isso, muitos destacam o bom rendimento do aluguel (*bon rapport locatif*), às vezes fornecendo cifras do aluguel atual. Nos poucos casos em que o comprador aparece como morador ele é tratado na qualidade de um morador eventual ou passageiro. O apartamento então é considerado um *pied à terre*⁴², ou seja, um lugar que possa ser usado como uma residência secundária porque é suposto que o comprador tenha outra propriedade, na qual habita, que se trata de uma primeira aquisição imobiliária (*premier logement*). De fato, constatamos no diálogo com os agentes imobiliários que, quando se trata de um comprador que pretende morar no apartamento, eles preferem a categoria de “primeira moradia”, destacando outras qualidades do apartamento e, via de regra, sugerindo a compra de um espaço maior num lugar mais afastado dos bairros centrais de Paris⁴³. Os anúncios abaixo põem em cena estes dois personagens, o estudante e o investidor:

⁴¹ Cf. Augé, Marc *Domaines et Châteaux*. Paris, Seuil, 1989.

⁴² A própria expressão *pé na terra*, ilustra a exiguidade destes espaços: um lugar tão pequeno no qual só se pode colocar um dos pés.

⁴³ Alguns bairros como o 18ème, por exemplo, se tornaram alvo de jovens intelectuais em início de carreira à partir dos anos 80, como alternativa viável de aquisição de um imóvel em Paris, trazendo de volta à um bairro em franca decadência um estilo de vida artístico, intelectual e de esquerda, que valoriza positivamente a convivência com a diversidade étnica e econômica. Mas este movimento imobiliário também provocou um

Studio Ve 450 000 f - Saint Severin, a 100 m de la Seine. Idéal étudiant ou investissement. 20 m2. 5e etage sur rue. Impeccable.

Studette VIe 350 000F-Sevres Babylone. Dans quartier St Placide, dans petit immeuble ancien au 2e etage sans ascenseur nous vous proposons une studette de 16 m2 comprenant: une piece de sejour, kitchenette, salle de bains, placard, au calme sur cour interieure. Bon rendement locatif.
Parfait pour étudiant..

Studio Ve 450 000 f -St Julien le Pauvre, a 50 m de la Seine. Ideal étudiant ou investissement. 20 m2. 3e sur cour.

Studio 279 000F-Gare de Lyon. Au 4e etage. Refait neuf, coin cuis, SdE, WC. Ideal investisseur.

Como é possível constatar todos os anúncios acima salientam que se trata de um *bom investimento*, que *tem um bom rendimento locativo* e que é *perfeito para um estudante*.

O preço de compra do m2 pode chegar a 25 mil francos (cerca de 5 mil dólares) como nos dois exemplos acima de apartamentos no Quartier Latin. Percebemos também um novo movimento imobiliário que é o da venda das *loges de concierge* no térreo - para estas, a retórica louva o jardim (*cour fleurie*) e até a existência de azulejos (*carrelage*).

O preço elevado do solo em Paris não é uma novidade no mercado imobiliário mas o que sempre espantou o olhar estrangeiro é a precariedade dos apartamentos que são vendidos por esses preços elevados. A escritora norte-americana Mary MacCarthy em sua correspondência com a filósofa alemã Hanna Arendt, nos anos 50, já se mostrava indignada com a especulação imobiliária na cidade, em uma descrição que nos permitimos citar longamente dada a minúcia dos detalhes e a possibilidade de comparação com os dias atuais.

" Ele (o apartamento que acabara de comprar) está situado na rua de Rennes, perto da estação Montparnasse – para ser exata, perto do metro St. Placide – no último andar de um imóvel de 1880. Sacada de ferro fundido na fachada; atrás, vista sobre um convento e seu grande jardim; sol direto durante todo o dia – um apartamento alegre. Lareiras, um grande vestíbulo em curva com janelas, sala de estar, sala de jantar, biblioteca, três quartos (dos quais um grande), dois quartos de empregada em cima, aquecimento central, um banheiro como os de antigamente, e uma grande, maravilhosa cozinha de forma bizarra, que não foi tocada nos últimos cinquenta anos e que deverá ser refeita, com a recolocação de azulejos, etc. O preço chega a mais de 31 mil dólares – o que no dizer de todos, inclusive do arquiteto que encarregamos de examiná-lo, é um bom

aumento significativo dos preços no bairro, sobretudo em relação aos apartamentos de mais de três peças, novo alvo desta geração que agora tem filhos e maior poder aquisitivo.

negócio. A razão disso é o fato dele se situar no sexto andar, andares como na América, e que o elevador está quebrado. Será preciso instalar um novo, mas isso pode levar um ano; é preciso o acordo dos proprietários, e um (o do segundo andar, evidentemente) se recusa; na divisão, o elevador custará 2.000 dólares por proprietário. Nos disseram que existe uma lei estipulando que não se pode suprimir um elevador em um prédio que sempre teve um, em consequência, se isso é verdade, cedo ou tarde nós o teremos. O general do quinto andar, que acabou de reformar seu apartamento, exige justiça, ou seja, o elevador. Como sabes, as escadas não me amedrontam, mas com o tempo isso poderia se tornar incomodo para as visitas e dificultar a revenda do apartamento em caso de necessidade.

Porém, tendo constatado a situação do mercado imobiliário em Paris, decidi que se nós quisermos ter alguma coisa boa, seria normal que nos defrontássemos com um grave inconveniente, que seria descoberto no exame. Os preços são simplesmente inacreditáveis e a maior parte dos agentes imobiliários não têm ofertas de locação pois não existem apartamentos para alugar – salvo algumas mutretas. Tudo isso, como em Nova York, é consequência do controle dos aluguéis mas a situação é pior do que jamais o foi em Nova York porque, até hoje, quase não se construiu novos imóveis. A maior parte dos apartamentos que visitei para comprar são ocupados por pessoas muito velhas que decidiram transformar suas habitações em capital e encontrar um canto em Paris ou no subúrbio para morrer ali.(...)Mas o pathos enfraquece diante da avareza desses velhos proprietários que não trocaram um prego em cinquenta anos e que agora têm idéias extravagantes sobre o preço que podem obter por seu negócio sinistro; vi um na rua Seine, quatro peças, sem luz ou quase, e uma cozinha, sem banheiro, sem toaletes; decrépito, fedendo, sem calefação é claro, e as pessoas pediam 40000 dólares. O corretor de imóveis nos disse que ele será provavelmente comprado e reformado por algum alemão rico- por causa do endereço, que agora tornou-se chic. Falam que um grande número de alemães compra na *rive gauche* assim como, curiosamente, na Irlanda. (p.198/200)⁴⁴.

O preço de 60 mil dólares pago em 1952 por Mary MacCarthy, pelo apartamento de 8 peças mais cozinha e banheiro equivale, hoje, ao valor de apenas um dos dois quartos de empregada do apartamento.

3. *viagers*

O depoimento de Mary MacCarthy mostra também que, nos anos 50, os velhos vendiam seus imóveis no centro de Paris para viverem seus últimos dias fora da cidade. Hoje, no entanto, eles parecem preferir ficar nos imóveis, muitos preferindo optar por uma outra solução imobiliária, o contrato de venda *viager*, esse sim poderia ser qualificado como sinistro ou macabro. O *viager* é em geral utilizado pelos velhos sem descendentes e que precisam de uma renda para viver; é um investimento de risco para o comprador pois ele implica num valor pago imediatamente, o *bouquet*, e no pagamento mensal do idoso até sua morte. O investidor

⁴⁴Arendt, Hannah e Mary McCarthy *Correspondance 1949-1975*. Paris, Stock, 1996,p.198/200.

em *viager* leva em consideração a idade do morador assim como sua situação de saúde, fazendo uma compra que pode significar um excelente investimento (caso o morador faleça rapidamente) ou um péssimo negócio (caso o morador sobreviva por muitos anos)⁴⁵.

Além do valor do *bouquet* e da renda (em geral, entre 2.500f e 3.000f por mês), os anúncios de *viager*, revelam sem pudores a idade do idoso, em geral sob o termo de “cabeça de x anos” (*tête de x ans*), notadamente quando ela ultrapassa os 75 anos, pois a idade avançada do locatário é anunciada como uma vantagem para o comprador⁴⁶: Não são raros textos de anúncios, como o exemplo abaixo, cuja leitura causa um arrepio como se fosse a antecipação de um anúncio funerário:

Viager: 220.000 F Raspail: SPECIAL INVESTISSEURS : appartement occupé Loi de 48, une pièce-cuisine-salle de bains, 2ème étage, occupé par dame de 88 ans.⁴⁷

O anúncio acima, apartamento de uma peça com cozinha e banheiro, também confirma as estatísticas do Instituto Nacional de Estatística Francês (INSEE) de que as moradias precárias em Paris estão diminuindo com a morte dos velhos pois esses tendem a não investir na melhoria do seu espaço de moradia, seja por terem habitado a vida inteira sem banheiro e/ou calefação, seja porque a pequena renda de aposentadoria que recebem não permite o investimento nestas melhorias da habitação.

Os velhos são os principais moradores dos apartamentos de uma peça e aqueles que mais sofrem com a falta de comodidade, sendo a faixa etária de mais de 64 anos a que lidera as estatísticas do INSEE. Os mais idosos representam 24,9% dos moradores em apartamentos sem WC ou sem ducha/banheira ou sem aquecimento central⁴⁸. 71% dos apartamentos sem WC são ocupados há 10 anos ou mais. É, portanto, com o desaparecimento destes moradores

⁴⁵ Anualmente em Paris são feitas de 4 à 5 mil vendas de apartamentos pelo sistema *viager*, mas, hoje parece haver mais oferta do que procura por este tipo de venda imobiliária e começa a haver um movimento de propaganda deste tipo de investimento como um ato de solidariedade entre gerações como sugere um pequeno artigo num jornal de investimento imobiliário: “Finalement, dans un pays où il y aura bientôt un actif pour quatre inactifs et où le régime de retraite ne suffira plus, le *viager* n’est-il pas un bon moyen de rétablir la solidarité entre générations?” em *L’Eclaireur Immobilier*, n.4, mai 1997.

⁴⁶ Nos anúncios analisados por nós, do *Particulier à Particulier*, jornal especializado em locações, a idade proposta por cabeça de *viager*, variava de 75 a 89 anos.

⁴⁷ *Viager*: 220 mil francos. ESPECIAL INVESTIDORES: apartamento ocupado pela lei de 48, uma peça-cozinha-banheiro, segundo andar, ocupado por dama de 88 anos.

⁴⁸Cf. Clanché, François “Le confort des logements dessine aussi l’espace social” em *Économie et Statistique*. 288-289, 1995 - 8/9,p.94. A categoria “antiga” é utilizada para habitações contruídas antes de 1949.Cf. Pitrou, Laure et Claude Noel, op. cit.

idosos que estes apartamentos, imobilizados pela lei de 1948, voltam ao mercado imobiliário e são rapidamente reformados com a introdução de conforto.

Espaço interno - uma etnografia da intimidade

1. Vergonha das panelas

O primeiro relato de moradias precárias em Paris que uma de nós escutou no final da década de 60 foi o de Ema, que vivendo num apartamento sem ducha nem banheira, era obrigada a tomar banho numa imensa tina que instalava diariamente na cozinha. Ema dizia que "tinha vergonha das panelas" numa alusão a seu constrangimento frente ao uso indevido da cozinha, lugar tido hoje como próprio para atividades relativas a alimentação e impróprio para lavar o corpo⁴⁹.

Eva, apesar da precariedade de seu lar, tinha a sorte de morar num apartamento maior que uma *chambre de bonne*. Nestas há, em geral, apenas um lavabo que por isso assume múltiplas utilidades: serve tanto para a toailete pessoal (banhos de toalhinhas, escovar os dentes, lavar o rosto) quanto como auxiliar da cozinha (lavar ingredientes de uma refeição, lavar louça)⁵⁰. Não raros são os casos em que esse lavabo transforma-se em boxe, pela improvisação de uma ducha em cima da pia, de modo que seja possível se tomar banho ficando-se em pé no mesmo lugar onde se lava a louça – é o que vemos nas imagens do documentário “Chambre de Bonne” na sequência de um banho matinal de uma estudante cujos pés tocam pratos e panelas⁵¹.

Uma de nossas principais informantes, Laura, morou durante alguns anos numa *chambre de bonne* sem WC nem chuveiro, no 6o andar de um prédio elegante do 8eme arrondissement. Como muitos dos brasileiros conhecidamente obsecados por banhos, Laura

⁴⁹ Observei (MPG) durante muito tempo o mesmo choque frente a esta "poluição" do espaço da cozinha pelos fluidos corporais, quando amigos fazendo turismo em Paris, vinham em casa e observavam surpresos e enojados que a água suja da máquina de lavar roupa instalada na cozinha era evacuada na pia da cozinha, lugar que deveria ter apenas um uso, o da limpeza de alimentos, dado que eu, moradora de Paris há alguns anos nem imaginava ser um ato transgressivo. Efetivamente, no Brasil, há sempre nos apartamentos uma "área de serviço", com um tanque, que é uma pia destinada exclusivamente às águas de limpeza, seja de roupa suja, seja de baldes e panos de limpar a casa. É também esta “área de serviço” que no Brasil se coloca a roupa para secar, solução que observamos ter sido adaptada por imigrantes portugueses no nosso bairro em Paris (13è) que adaptaram pequenos varais na janela do telhado de suas pequenas moradia. Na maior parte dos depoimentos que escutamos, a roupa dos moradores dos pequenos espaços é lavada e secada nas lavanderias automáticas.

⁵⁰ Para alguns dos nossos informantes homens, a pia servia também para urinar. O pinico (le pot) muito presente na literatura do século XIX e que desaparece gradativamente nos relatos a respeito dos cuidados corporais do século XX, não foi mencionado por nossos informantes.

nos contou que ia diariamente na piscina do bairro onde havia um *bain-douche* municipal. Só em dias de muito frio, ela improvisava um “banho francês”⁵². Felizmente, o seu quarto tinha água quente (além da água fria), dado que até hoje aparece nos anúncios imobiliários como uma grande vantagem.

Na verdade, percebemos diferenças marcantes no modo como brasileiros e franceses representam o banho – o que confirma a idéia de Mauss de sociedades de imersão e de água corrente⁵³. O chuveiro é visto pelos franceses como um estágio primitivo em relação a banheira. A precariedade do chuveiro em Paris é bem ilustrada por Jean Luc Godard num filme já clássico dos anos 60, *Une femme est une femme*, onde a personagem principal, para banhar-se, leva uma tina para debaixo do chuveiro, do qual raramente sai água. A banheira é o lugar do verdadeiro banho, mesmo quando, por falta de espaço, ela não passe de uma banheira tamanco com pés de leão (*baignoire sabot com pieds de lion*), ou seja um tipo muito comum de banheira nas quais se toma banho sentado (modelo inexistente no Brasil).

Os brasileiros, pelo contrário, não reclamam da presença da banheira mas a vêem como um objeto do passado. O banho de imersão não é considerado como verdadeiramente higiênico, ele é visto como um prazer ou um luxo. Mário nos conta que quando toma banho de imersão em sua pequena banheira sente necessidade de tomar um outro com banho com o chuveiro imediatamente depois, pois “a água só limpa quando passa pelo corpo”. O banho francês é considerado uma limpeza ineficiente e “coisa de preguiçoso”.

Outra das reclamações dos brasileiros nesse espaço concernem os chuveiros, que na França são pequenos e móveis (conhecidos como chuveiro-telefone), às vezes não tendo sequer um suporte para mantê-los na parede, bem diferentes do grande chuveiro elétrico fixo a que estão habituados no seu país. Os diversos sistemas de transformação do chuveiro-telefone em chuveiro fixo são considerados ineficazes tanto pelos franceses quanto pelos brasileiros,

⁵¹ Cf. “Chambre de Bonne” documentário de Jean Loic Portran, 1980, cor, 13 min. VDP.

⁵² “Banho francês” é como é conhecido no Brasil o lavar-se com a luva de banho, uma prática considerada exótica na cultura brasileira onde o lavar-se exige a passagem de água pelo corpo, o que só pode acontecer para os brasileiros debaixo de uma ducha. No Brasil, só recentemente com a difusão de sistemas de hidromassagem do tipo Jacuzzi as banheiras voltaram a moda e a serem incluídas nos planos dos apartamentos para a classe média e alta, mas sempre com o dispositivo de um chuveiro que deságua, em geral, sobre a banheira.

⁵³ Mauss, M. “As técnicas Corporais” em *Sociologia e Antropologia*. SP, USP, 1974 (1950) pg. 211 à 233. Um colega antropólogo carioca aprofundou as observações lévi-straussianas (cf Tristes Trópicos) em relação ao banho nas sociedades européias e do “novo mundo”, teorizando no que ele classifica como dois tipos de sociedade: as de “imersão” e as de “escoamento rápido”, articulando os hábitos higiênicos à outras esferas da vida social.*

como demonstraram algumas crônicas desesperadas de L.F. Veríssimo durante o tempo em que morou em Paris.

O banheiro é também ressaltado em entrevistas com franceses que visitam o Brasil. A visão dos franceses sobre o banho no Brasil contém o mesmo estranhamento que a nossa em relação aos banhos na França. O principal problema para os franceses é o chuveiro brasileiro que os aterroriza, visto como um risco permanente de choque elétrico pois “os fios são expostos a água”. A presença de um tapetinho de borracha dentro do boxe também não passa despercebida. Alguns têm a sensação do tapetinho ser sujo e o retiram para tomar banho. Outros, vêem no tapetinho a comprovação do perigo de choque elétrico e a sua presença só faz aumentar o medo. Estratégias são pensadas para contornar o problema: Cedrick conta que no Brasil usava uma toalha para evitar o contato com a torneira de metal que liga o chuveiro:- "Mas depois de tomar o banho, estando todo molhado e com a toalha também húmida, ah, aí era um problema. Eu fechava os olhos pensando que talvez não sobreviveria ao choque elétrico".

2. Bain-douches

O caso de Laura que embora morando em Paris intra-muros precisava sair de casa para tomar banho, não é raro na cidade. Encontramos apartamentos sem WC ou *salle de bain* localizados em lugares tidos como os mais nobres da cidade como a Île de Saint Louis, onde morava uma outra brasileira, Nádia, no qual o prédio ainda tinha pias nos corredores: não como uma decoração pois tinham tido uso até recentemente.

De fato, até 1950 apenas 10% dos apartamentos em Paris possuíam *salle de bain*. Ainda hoje, existem 19 banhos públicos em atividade e a prefeitura (Mairie) continua fazendo reformas para melhorá-los uma vez que eles são considerados necessários para a população de baixa renda da cidade. É nos *bains-douches* que se banham muitos parisienses ainda hoje, numa tradição que remonta ao século XVIII, quando faziam sucesso os *bains-sur-Seine*⁵⁴.

⁵⁴ Chamados de 'toues', esses banhos coletivos populares se compunham de um barco amarrado a margem da Sena que servia de depósito para as vestimentas. Escalas permitiam que se descesse ao rio cujo fundo tinha recebido areia. Mixtos até meados do século XVIII, eles foram se tornando lugares masculinos e já não eram mais do que vinte em 1770. Depois estes lugares se tornaram pontos de prostituição. No século XIX aumentam progressivamente estes estabelecimentos que oferecem banhos quentes. De 300 banheiras de 1813 se passa para 2374 baheiras 20 anos depois, em 1823. Em 1883 o Dr Royer faz um relatório no qual se constata que a média de banhos dos parisienses é de 2 a 3 banhos por ano pois o preço dos banhos é muito caro. A partir destas recomendações, são abertos os banhos públicos contra os quais os estabelecimentos privados vão se insurgir.

A idéia de ter que sair de casa para tomar um banho é dificilmente aceitável para um brasileiro. Basta lembrar que a Maison du Brésil da Cité Universitaire Internationale, construída nos anos 50 por Le Corbusier mas também por Lúcio Costa é uma das raras moradias onde cada quarto tem seu chuveiro próprio, ainda que o WC seja coletivo e que haja apenas dois por andar. O Brasil nunca contou com banhos públicos. As classes populares, como já sublinhava Gilberto Freire⁵⁵ passaram diretamente do banho nos riachos ao banho no interior da casa, ainda que às vezes como nas favelas, com baldes que são carregados morro acima caso quando não há água encanada nos barracos.

A ausência total de água na casa é rara na França hoje (apenas 33.000 moradias em todo o país segundo a mesma pesquisa do INSEE) sendo difícil encontrar apartamentos como os mostrados em um documentário⁵⁶, onde, em 1968 uma família de jovens franceses (pai trabalhador de uma editora, mãe e bebê) faz uma bricolagem ilegal permitindo uma entrada de água puxando um cano clandestino que termina em um balde que depois deve ser descarregado na rua. Mas ainda se encontra no país mais de um milhão de habitações sem chuveiro nem banheira, ou seja, 5% das moradias principais⁵⁷ na França continuam não oferecendo outra alternativa aos seus ocupantes do que o banho público. E, mais surpreendente ainda, 1,4 milhões de moradias na França, ou seja, 6% do total de residências, não conta nem com WC nem com ducha ou banheira (cf. quadro abaixo).

NUMERO DE RESIDÊNCIAS PRINCIPAIS DESCONFORTÁVEIS⁵⁸

	Número Total de Residências em 1992	Total de Residências Principais (1)	População ⁽²⁾
Sem água quente	647.000	2.9%	2.0%

Em 1884 se inicia o projeto higienizador da cidade com a construção do primeiro bain-douche em Chateau Landon, hábito que será pouco à pouco incorporado na vida dos parisienses, fazendo com que nos anos do pós-guerra haja uma média anual de 900 mil banhos tomados nos bains-douches municipais. Nos anos 50, haviam 20 bains-douches municipais e 160 privados.

⁵⁵ Freire, Gilberto *Sobrados e Mucambos*, José Olimpio Editora, Rio de Janeiro, 1985 (7a edição)

⁵⁶ "Sous les toits de Paris", de M. Spinello e J.P. Gallo (1968), documentário preto e branco, 25 min. VDP.

⁵⁷ Note-se que estes dados dizem respeito às "moradias principais", categoria que inclui apenas as moradias permanentes e não as casas de férias na praia, no campo ou nas montanhas, estas sim, ainda bem mais precárias em termos de "conforto".

⁵⁸ (1) Em termos de lares; (2) Em termos de indivíduos; (3) A noção de aquecimento central toma aqui um sentido amplo, referindo-se ao todas as instalações onde um aquecedor único alimenta distribuidores de calor nas peças da habitação ou de várias habitações. Inclui igualmente as instalações de aquecimento elétrico intragradas. Cf. Clanché, François "Le confort des logements dessine aussi l'espace social" em *Économie et Statistique*. 288-289, 1995 - 8/9, p.91-114.

Sem água	33.000	0.1%	0.1%
Sem toaleta no interior da casa	918.000	4.1%	2.9%
Sem toaleta no edifício ou propriedade	147.000	0.7%	0.4%
Sem chuveiro ou banheira	1.105.000	5.1%	3.2%
Pia apenas na cozinha	866.000	3.9%	2.6%
Sem aquecimento central(3)	4.062.000	18.3%	0.1%
Sem aquecimento	45.000	0.2%	0.1%

Não é por nada que Jean Luc Godard citava o banheiro, espaço corriqueiro, entre os horrores que enumerou na apresentação de um filme seu, há apenas duas décadas - com licença poética na percentagem:

"Escutem em silêncio duas ou três coisas que eu sei dela. Ela, a crueldade do neo-capitalismo (...) Ela, o banheiro (salle de bain) que 70% dos franceses não possuem"⁵⁹

3. O “conforto”

Como podemos observar no quadro citado, no último censo realizado em 1992, 4% das moradias na França, ou seja, quase 1 milhão de habitações não dispunham de WC dentro no último censo realizado em 1992 da moradia. Esse número também é alto na capital. Não é à toa, portanto, que o WC seja um dos espaços mais significativos desses apartamentos de uma peça, tendo destaque com a cozinha nos anúncios imobiliários.

Duas são as soluções normalmente encontradas nos prédios antigos, que apresentam WCs exteriores aos apartamentos: em alguns prédios o WC está na escada, numa pequena plataforma de canto entre dois andares, em outros no próprio corredor de acesso aos apartamentos. Nossos informantes brasileiros falam muito dos WCs: tanto sobre o desconforto e o nojo de compartilhar o vaso sanitário com vizinhos desconhecidos quanto sobre as estratégias que criaram para superar este choque cultural. Laura conta que trajeto para o WC era penível e pior à noite, pois para ir ao WC que ficava entre dois andares do prédio, tinha que descer alguns degraus e como não havia luz nesse corredor, ia equilibrando uma vela. Janete, resolveu o problema das visitas noturnas ao WC evitando ingerir líquidos após as 18 horas.

Uma das maiores queixas dos usuários dessas toaletes coletivas é a sujeira. Os banheiros precisam ser cuidados pelos próprios moradores pois estes prédios nem sempre dispõem de empregados e, quando existem, eles raramente limpam o último andar. Às vezes,

um morador acaba sendo o único voluntário. Essa tarefa tem uma contrapartida: quem limpa o banheiro se sente mais dono desse espaço que os outros, mas pode se sentir usado - como Gabriella, uma jovem italiana que nos disse ser a única a limpá-lo, sendo essa uma das razões por que estava trocando de moradia. Um jovem francês, personagem do documentário *Chambre de Bonne* reclama também: “Sou o único a limpá-lo, os outros deixam merda por tudo. Cheguei a comprar essa escova, me custou 30 francos mas ninguém a usa.”

Muitas vezes ocorre que, com o tempo, WCs vão sendo instalados nos apartamentos e o último a não o ter passa a ser o único a usá-lo. No andar onde morava Solange, em 1997, num prédio ao lado da Sorbonne, havia um apartamento sem WC que havia sido reformado recentemente mas onde o proprietário preferiu não instalar um WC. Assim, o locatário desse apartamento continua a utilizar o WC como se fosse exclusivamente seu e estivesse apenas distante do apartamento: ele dispõe da única chave e tudo se passa como se o corredor do edifício fosse o corredor do seu apartamento. Em outro prédio constituído majoritariamente de *pièces uniques*, construído no século XVIII, ao lado do bairro central dos Halles, Céline, moradora do último andar, estava mobilizando outros proprietários pela recuperação do uso coletivo de um WC ali localizado em frente à uma pequena escada, que havia sido apropriado e trancafiado por um dos moradores que parecia o estar usando como uma espécie de depósito⁶⁰.

O sanitário desses WCs coletivos no corredor é geralmente no chão, o chamado WC turco semelhante ao que Hemingway encontrou, nos anos 20, no seu edifício no número 74 da rue du Cardinal Lemoine:

"Os sanitários antigos das velhas casas de apartamentos, um em cada andar, ao lado das escadas, com duas elevações de cimento estrado, em forma de sapato, para evitar que algum locataire escorregasse, davam para fossas que, à noite, eram esvaziadas por meio de uma bomba em carros-tanques puxados por cavalos. No verão, com todas as janelas abertas, podíamos ouvir o ruído da bomba, e o mau cheiro era muito forte. Os carros-tanques eram pintados de marrom e amarelo-çafrão; quando trabalhavam na rue Cardinal Lemoine, ao luar, aqueles cilindros com rodas, puxados por cavalos, traziam-nos à lembrança alguns quadros de Braque."⁶¹

⁵⁹ "Apprenez en silence deux ou trois choses que je sais d'elle. Elle, la cruauté du néo-capitalisme (...) Elle, la salle debain que n'ont pas 70% des Français." "*Deux ou trois choses que je sais d'elle*"(1967), Jean-Luc Godard.

⁶⁰ Levando ao pé da letra nossa observação participante ajudamos inclusive no movimento, tirando algumas fotos como provas do delito para serem enviadas à Justiça como documentos do processo.

⁶¹ Hemingway, Ernest *Paris é uma festa*. RJ, Civilização Brasileira, 1991:8. (ed. original em inglês 1964).

A principal solução existente hoje em Paris para novos WC em antigos edifícios é o sistema *broyeur*⁶² que permite sua instalação mesmo onde não existem encanamentos adequados. Ele existe no *deux pièces* de Solange, resultado provável da união de dois ou três quartos anteriores, onde, entre as duas peças, foi construído um banheiro que tem WC e banheira e onde o proprietário do imóvel colocou bem visível um anúncio onde se lê e se vê ícones alertando que não se pode jogar ali absorventes, camisinhas, giletes, etc. - o que também não é recomendável em sanitários comuns, mas que no caso dos WC *broyeur* se torna catastrófico pois em geral ocorre um transbordamento incontrolável do vaso sanitário⁶³. Céline, uma francesa, pagou caro pela distração de uma brasileira que entupiu seu sanitário com um simples o.b e somando-se assim aos relatos de pequenos apartamentos invadidos por detritos.

4. Cozinha-armário

Em todos os apartamentos, mesmo nos de dimensões mais reduzidas como o de Janete, encontramos um espaço reservado à preparação das refeições. Há várias palavras utilizados pelos moradores e anúncios imobiliários para o espaço da cozinha como vimos nos anúncios citados: *kitchenette*, *cuisine équipée* (cozinha equipada), *cuisinette* (cozinhazinha), *cuisine Américaine* (cozinha americana), *coin -cuisine* (canto cozinha). Embora a diferença de nomeação, o referente é em geral o mesmo: um espaço onde estão localizados os equipamentos de preparo das refeições, integrado na peça que constitui o apartamento. Essa “*cuisine américaine*”, paradoxalmente anunciada a partir dos anos 70 como um símbolo de modernidade foi, de fato, uma invenção arquitetônica criada na virada do século para as habitações populares em Paris como salientaram Eleb e Debarre:

“Em algumas dessas operações, nos vemos se instalar a cozinha moderna, pequena, muito bem equipada, onde, se ainda não se tomou em conta os passos precisos da dona-de-casa, já se começa a reduzir a trabalho e a racionalizar os armários. Reconhece-se aí as premissas do que se chama erradamente hoje de cozinha americana ou cozinha aberta para a sala”(...) Essas se difundiram bem mais tarde nas habitações da maior parte das classes sociais e, paradoxalmente, serão investidas, nos anos 1970, pelos seus possesores e pelos habitantes de um nível cultural elevado, que não as

⁶² Literalmente liquidificador, sistema de trituração elétrica dos detritos que permite o escoamento dos dejetos pela canos de esgoto normal (pias, banheiras) impedindo o entupimento.

⁶³ Nestes momentos trágicos nossos informantes brasileiros constataram o quanto fazem falta os ralos nos banheiros franceses, uma vez que esta instalação é inexistente lá.

perceberam absolutamente como dispositivos reservados aos ‘pobres’ mas como signos de pertencimento à ‘l’avant-garde’, ou ainda como signos da modernidade.”⁶⁴.

Além dessa cozinha que se une a sala e no caso dos studios também ao quarto formando um canto-cozinha, encontramos também outros tipos de cozinha. Uma delas denominamos cozinha armário⁶⁵, e foi observada no apartamento de Solange, que tem uma cozinha instalada dentro de uma espécie de armário embutido que é aberto e fechado quando se trata de preparar alimentos fazendo com que a sala não tenha vestígios de cozinha. Outro tipo é o que chamamos aqui de cozinha/ducha⁶⁶, que integra no mesmo espaço tanto o fogão e a geladeira quanto a pia e chuveiro, situação existente nos apartamentos da estudante brasileira Mariana que vivia há mais de 10 anos em Paris na época de nossa pesquisa e no segundo apartamento de Laura. Outra amiga antropóloga brasileira nos contava de seus espanto ao ver no espaçoso apartamento de um namorado francês (imensa sala, quarto e até um vasto terraço) a convivência harmoniosa de um WC ao lado do fogão, numa cozinha que congregava aparentemente sem nenhuma contradição os equipamentos de higiene corporal e de preparação de alimentos.

Um dado que nos chamou a atenção é que mesmo nesses moradias ínfimas de uma única peça, o espaço da cozinha é demarcado, sempre que possível, por um revestimento no solo em material diferente do resto do quarto (cerâmica, sólo plástico), revelador da separação simbólica desses espaços.

No que se refere ao fogão, inúmeras soluções acompanham as transformações destes espaços entre os anos 60 e 90. Ainda em 1968, como mostram as cenas do documentário *Chambres de Bonnes*, uma velhinha de 76 anos cozinhava num pequeno fogão à lenha, que servia também de calefação, alimentado com pedaços de madeira de caixas de embalagem que obtinha de graça com os comerciantes do chique bairro onde vivia, o 6ème. Estudantes e imigrantes já tinham, na época, fogões à gaz ocupando uma superfície importante da moradia mas permitindo alimentar a si ou à família. Um modelo muito recorrente de fogão nesta época,

⁶⁴ “Dans certaines de ces opérations, nous voyons se mettre en place la cuisine moderne, petite, très bien équipée, où, si l’on ne tient pas encore compte de façon précise des pas de la ménagère, l’on commence à réduire l’entretien et à rationaliser les rangements. On y reconnaît aussi les prémices de ce que l’on appelle aujourd’hui, à tort, la cuisine américaine ou la cuisine “ouverte sur le séjour”(…) Ceux-ci se diffuseront beaucoup plus tard à l’habitation de la plupart des classes sociales et, paradoxalement, seront investis, dans les années 1970, plutôt par les possédants et les habitants d’un niveau culturel élevé, qui ne les percevront pas du tout comme des dispositifs réservés au ‘pauvres’, mais comme des signes d’appartenance à ‘l’avant-garde’, ou bien comme signe de la modernité.” *“L’invention de l’habitation moderne - Paris 1880-1914*, Hazan et Archives d’Architecture Moderne, 1995, p 137.

⁶⁵ Em francês, *cuisine placard*.

e que existe ainda em alguns dos apartamentos visitados, é uma pequena placa elétrica de duas ou três bocas com um pequeno forno separado, geralmente depositado em cima de um armário onde se guarda mantimentos. Quanto à geladeira, ela não fazia parte do mobiliário obrigatório dos anos 60/70, tendo sido introduzida nos anos 80 na forma de um modelo reduzido. Até então, o hábito era de se colocar os alimentos na janela, muitas vezes usando um sistema de sacos plásticos pendurados caso não houvesse parapeito para apoio, ou nos melhores casos, utilizando as câmaras frias instaladas nas construções do século XIX, as *glacières*. Como são poucos os dias de intenso calor em Paris, estes sistemas, utilizados de setembro a maio, apresentam bons resultados de refrigeração. No final dos anos 80, começou a ser instalado nas cozinhas desses apartamentos o “quatro em um”, móvel conhecido também no Brasil composto de pia, armário, fogão e geladeira.

Como já falamos no item anterior, há apartamentos com apenas uma pia que tem, por isso, múltiplas funções⁶⁷. Um outro detalhe recorrente nestes pequenos espaços é a presença de uma espécie de exaustor, um pequeno círculo com uma hélice na janela, que permite a circulação do ar e dos odores sem que seja necessário abrir a janela: ato evitado porque não raro implica no deslocar de móveis e, no inverno, em perda de calor da moradia.

5. Uso do espaço interno – um espaço sonhado

Os apartamentos de uma única peça se caracterizam pela versatilidade do uso do espaço e dos equipamentos e pela efemeridade do arranjo dos móveis. Em geral nestes pequenos apartamentos não há espaço para a permanência e o uso simultâneo de todos os móveis e assim eles são *móveis*, isto é, podem ser deslocados, abertos e fechados dependendo da necessidade do morador. Algumas expressões da língua francesa, como “colocar a mesa”, significavam originalmente o ato de montá-la na peça e não apenas arrumar o serviço de mesa sobre ela. Limite imposto pela precariedade, esse hábito já era ironizado quando de seu surgimento, como atesta um artigo da época:

⁶⁶ Em francês, *cuisine douche*.

⁶⁷ Há vários modelos de pia, sendo que prevalece ainda um modelo de pia do pós-guerra, de louça, com bacio quadrado e onde um dos lados serve para colocar a louça para secar. A torneira destas pias, por estar instalada muito alta, joga água por todos os lados e para isto a solução universal é a instalação de uma borracha na torneira de modo a dirigir o jato de água.

”É então que começam a aparecer estas camas que eram ao mesmo tempo bibliotecas, estas lareiras que podiam servir de armários, estes assentos dos quais se podia esperar tudo, menos se sentar neles.”⁶⁸

Já no início do século, com a construção dos primeiros *studios*, inicia-se um movimento de design arquitetônico que começa a inventar móveis adaptados à estes novos espaços, investindo-os de um status de modernidade. Movimento que continua forte hoje como atestam os catálogos de lojas de móveis baratos, como a sueca IKEA, uma das lojas preferidas pelos jovens estudantes para mobiliar suas moradias.

É no setor dormir/sentar dos studios que o espaço precisa, na maior parte das vezes, ser versátil. Duas são as principais soluções para a questão: a primeira é a instalação de um mezanino/loggia que libera dois a três metros quadrados no solo, espaço precioso para a instalação de uma pequena mesa com cadeiras ou mesmo um sofá-cama, útil quando há visitas de amigos e parentes de passagem - situação bastante comum para estudantes estrangeiros morando em Paris.

A segunda é a utilização de um sofá/cama⁶⁹, que deve ser aberto toda a noite para dormir e remontado no dia seguinte de manhã para que possa haver um espaço mínimo de circulação interna. Este pode ser duplo, para um casal - e nesse caso é mantido fechado durante o dia e é transformado em cama a noite, não sem incômodo para o morador que é obrigado a guardar lençóis e cobertas para que o sofá possa cumprir suas funções diurnas. Muitas vezes como é o caso da italiana Gabriella e do escultor húngaro Sandor que mora em 10m², para abrir o canapé é necessário deslocar vários móveis. A cama propriamente dita é rara nesses apartamentos - é mais comum o uso do colchão colocado diretamente sobre o chão ou o de um sofá servindo como cama - e outras múltiplas funções. Ela é o lugar onde se dorme a noite, é lugar de trabalho - ali se lê, se escreve - é lugar de refeições especialmente quando se está só e é também o lugar de receber as visitas. A cama é também o lugar mais protegido do frio quando a calefação é elétrica - o que significa uma alta gasto em dias de frio - e os moradores procuram economizar energia se protegendo sob as cobertas.

Em apartamentos de menos de 12 m², dificilmente é possível a presença de uma cama e de um sofá, a menos que haja um mezanino como no apartamento de Mariana. Nos

⁶⁸ “C’est alors qu’on vit apparaître ces lits qui étaient en même temps des bibliothèques, ces cheminées qui pouvaient servir d’armoires, ces sièges dont il était loisible de tout espérer, sauf de s’asseoir dessus.” Comentários de Robert Burnand citados por Monique Eleb et Anne Debarre, op citada, p 189.

⁶⁹ Nos séculos XVIII, existiam mais de 30 palavras para designar a cama, tamanha a sua variedade de formas e funções. A cama mais recorrente na época tinha cortinas (72,5%) sendo também comum as camas com altos e baixos piliers (63%). Não encontramos na nossa pesquisa nenhuma cama com cortina ou colunas.

apartamentos um pouco maiores já podemos encontrar uma distribuição de funções entre o sofá e a cama. Nesse caso, o morador tem a tendência de deixar lençóis e cobertas sobre a cama durante o dia, apenas cobrindo-os com uma colcha. No entanto, como ambos compartilham a mesma peça, a cama pode assumir de novo as funções de sofá em caso de visitas. Foi o caso de Carol que morava em 21m².

“No início, eu só tinha o sofá do IKEA. Era chato, tinha que fazer a cama todas as noites. Depois, ganhei o colchão. Ele me dava a ilusão de duas peças: o colchão era o quarto, o sofá era a sala. A gente acaba se acostumando. No Brasil eu morava em uma casa de 200m², em Paris cada móvel era uma peça. Quando ia para a mesinha de comer imagina que estava indo para a cozinha, quando ia para a mesa de trabalho era como se fosse para minha biblioteca.”

Na ausência de divisões, os móveis criam paredes invisíveis, dividem o apartamento, multiplicam o seu tamanho percebido; o espaço é antes de tudo espaço sonhado⁷⁰.

A mesa, ao lado do canapé também é versátil, ora espaço de trabalho intelectual, ora espaço das refeições. Quando única, essa mesa é em geral grande, cerca de 60 cm² e de altura normal, 70cm do chão. Mas é raro que haja só uma mesa no apartamento, em geral existe outra menor e mais baixa, que serve no cotidiano para sustentar uma TV ou um rádio e em momentos de sociabilidade ou de refeição do morador, como lugar onde se coloca o prato de comida. A mesa maior é destinada a ser mesa de trabalho. Como o grupo pesquisado se constitui em sua maioria de estudantes de doutorado, ela serve como escrivaninha onde ficam os livros, os papéis, o computador e a impressora. Nos horários de refeição, se não existe outra mesa na casa, ela é desembaraçada desses objetos e assume a função de mesa para comer, especialmente quando o morador recebe visita pois quando está sozinho prefere-se deixá-la intocada. Às vezes esta mesa é desmontável e é necessário abri-la a cada vez que se faz necessário. E em casos onde o apartamento é pequeno, como no caso de Gabriella (12m²) encontramos uma mesa sobre tripés, que precisa ser fechada todas as noites para que a cama possa ser feita e remontada durante o dia quando ocupa o espaço da cama. Mas a maior parte de nossos informantes acaba tendo uma mesa fixa para o trabalho, garantindo um pequeno canto para a alimentação ou mesmo em alguns casos fazendo as refeições no chão ou sentado no sofá (*sur le pouce*) para não precisar deslocar seu material de estudo.

Esses apartamentos contam geralmente com um pequeno armário para roupas e estantes para livros (que vão aumentando com o tempo de residência). A louça e os mantimentos podem também ter um armário próprio, próximo ao canto/cozinha, sendo o

⁷⁰Bachelard, G. *La poétique de l'espace*. Paris, PUF, 1984 (1957).

espaço embaixo da pia da cozinha utilizado também para esse fim. Uma das maiores queixas de nossos informantes refere-se a estocagem de alimentos que se torna impossível quando se tem pouco espaço, por isto os armários embutidos são muito valorizados. Janete (7m2) constata a mistura sob a pia do que era guardado separadamente no Brasil: talheres ao lado de produtos de limpeza, louça com mantimentos. De fato, armários que servem a múltiplas funções são frequentes. É o caso dos baús e das famosas *cantines* (baú de metal) que além de servirem como depósito são úteis enquanto mesa-baixa podendo também serem utilizadas como mini-sofás e depois são usadas para a mudança definitiva ao Brasil.

Em alguns destes apartamentos são criados pequenos armários debaixo das dobras do telhado⁷¹, sobre a cabeceira da cama, sobre portas. Essa busca obsessiva de lugar para prateleira acaba dando a casa, muitas vezes, o ar de um armário embutido.

- Espaço externo

1. A vista

Para nossos informantes, o território destes apartamentos extrapola o espaço interno, se estendendo para o corredor, às escadas e, sobretudo à paisagem exterior. De fato, a própria cidade e seus espaços públicos são reapropriados pelos moradores para completarem ou aumentarem o seu espaço doméstico.

Muitas são as categorias utilizadas nos anúncios para designar as vantagens de morar sob os telhados de Paris: *chambre mansardée* (quarto em mansarda) *clair* (claro) *ensoleillé* (ensolarado), *vue dégagée* (vista aberta), *sans vis à vis* (sem outro prédio na frente). Muitos anúncios imobiliários proclamam a claridade ou a vista como uma das vantagens deste tipo de moradia, evidenciando ser comum a escassez de luz nessas moradias, mesmo os que ficam no 6o andar caso possuam apenas clarabóias e não verdadeiras janelas. Há também referências sobre a exposição solar, destacando-se a localização sul (*exposé sud, plein sud*) que é a mais ensolarada no hemisfério norte ou a existência de janelas para os dois lados (*double exposition*). Efetivamente, quando, além de se morar num micro-espaço, a luz é escassa, a situação beira a tragédia. A falta de luz engendra estratégias imaginativas e sociabilidades inesperadas, como a do personagem central de Mary McCarthy no romance “Oiseaux d’Amérique” que habitando um pequeno apartamento escuro em Paris, passeava a sua planta

para lhe proporcionar um pouco mais de luz. Seu herói excêntrico foi, de fato, inspirado no filho de um de seus amigos norte-americanos, estudante da Sorbonne nos anos 60, como ela mesma revela em sua correspondência a Hanna Arendt⁷².

Além da claridade, a vista de um monumento da cidade aparece destacada no seguinte anúncio que fala da vista para a Torre Eiffel:

Studio confort Séjour, cuisine. 6e et dernier étage. Vue sur Tour Eiffel.

Torre Eiffel, Panthéon, Notre-Dame são assim como que incorporados ao apartamento por uma retórica que não tendo o que destacar apela para a redundância (“último andar”) e para associações fortemente conotativas (“vista para Torre Eiffel”). Os próprios moradores ressaltam essa vista proclamada pelos anúncios, como contraponto às agruras de ter de subir seis lances de escada. “Tenho a impressão que meu quarto é um barco e que eu navego sobre os telhados de Paris” ou “Tenho uma bela vista e a ilusão de ser livre” dizem os moradores do 6o andar no documentário *Sous les toits de Paris*. O compositor Erik Satie a apontava como a grande vantagem de seu placard de 6m² voltado para o Norte, e dizia brincando “Minha vista se estende até a fronteira da Bélgica”. A vista também é destacada por Janete (7m²) ao confessar que a janela lhe proporcionava um pouco de lazer quando ainda não tinha televisão, pela observação do cotidiano de seus vizinhos.

Para os apartamentos térreos (antigas loges de *concierge*) os anúncios arrolam qualidades da vista de um pátio privativo (*cour privée*), do jardim interno do prédio (*vue sur jardin privatif*) ou de um jardim com árvores (*sur jardin arboré*); áreas verdes que fazem os parisiense sonharem com a *campagne* (campo), espaço mítico para os franceses. Para outros, menos afortunados, fala-se somente de vista do pátio (*sur cour*) ou da rua (*sur rue*).

2. Corredores e telhados

O espírito comunitário se manifesta às vezes em situações em que o espaço é minúsculo. Há depoimentos de vizinhos que se emprestam utensílios domésticos e ingredientes

⁷¹ Como podemos ver em cenas de filmes sobre *chambres de bonne* onde as moradoras se referiam brincando a estes pequenos armários como “caves”, uma porque nele guardava bebidas e outra porque neles guardava a madeira com a qual acendiam seu fogão à lenha

⁷² "Détail charmant à propos de Jonathan : il avait une plante dans sa chambre, laquelle donnait sur une cour sombre, et il emportait la plante en promenade pour lui donner de la lumière." (Arendt, Hannah e Mary McCarthy Correspondance 1949-1975. Paris, Stock, 1996).

de cozinha através de portas ou janelas e muitas vezes improvisam verdadeiros jantares nos pequenos corredores entre suas moradias. A apropriação de um espaço do condomínio, como o corredor, por um ou mais moradores é frequente. Laura nos contou como o corredor de acesso ao seu apartamento foi incorporado ao apartamento num verão de calor insuportável, quando ela e o vizinho perceberam que, se deixassem suas respectivas portas e janelas abertas, conseguiam formar uma corrente de ar que os refrescava. Com o tempo, Laura e o vizinho foram se acostumando com essa nova situação de viver com as portas abertas e já não as fechavam nem para dormir. "Acabamos ficando amigos, de manhã quando ele descia já levava o meu saco de lixo para baixo", conta ela agora de volta à seu status de professora universitária no Brasil.

Ao contrário, Janete relata uma experiência dolorosa: não conseguia dormir nas primeiras noites no seu *kinder-ovo* pois tinha a sensação de ter alguém ao lado da cama cada vez que um vizinho circulava pelo corredor. "Não há privacidade, ouve-se tudo". A promiscuidade gerada pela transmissão do som aparece em inúmeros relatos como um dos grandes problemas: "Meu vizinho e a namorada...céus, eu ouvia tudo" nos confessava Andreia moradora de 10m²; "Me sinto como um animal em uma jaula sob o domínio do bastão do treinador – cada vez que me movo, o vizinho do andar de baixo bate no teto reclamando" (Kerry, norte-americana, 20m²).

O calor é também omnipresente na memória dos moradores desses apartamentos do 6o andar, onde muitas vezes o telhado é de zinco oferecendo pouca proteção contra o exterior e o telhado muito baixo, concentrando o calor. Maria (18m²) conta que não era suficiente o ventilador ligado noite e dia. Para aguentar o calor, além de passar a tarde numa das raras bibliotecas com ar condicionado de Paris, ela ia três vezes por dia banhar-se na piscina pública ao lado de sua casa e passava o resto do tempo numa praça onde lia jornal, fazia picnics e deitava-se para descansar na grama. Poucos são os dias de calor intenso em Paris mas inevitavelmente os moradores da cidade que não fogem para a praia no verão se defrontam com temperaturas próximas dos 40 graus centígrados, numa cidade sem infra-estrutura para altas temperaturas. Um casal de estudantes brasileiros conta que as noites de calor eram passadas sonambulamente numa caminhada entre cama e o banheiro. Deitavam na banheira deixada cheia de água e voltavam para cama ainda molhados para suportar o calor sob o telhado. Numa noite de maior cansaço um deles acabou dormindo dentro da banheira.

Uma de nós presenciou uma cena de evitação do calor na Rue des Chantiers (ao lado do Museu do Mundo Árabe). Num dia muito quente de agosto, quando o sol batia

impiedosamente nos edifícios, uma senhora refrescava sua moradia jogando água sobre o telhado externo de zinco, através de uma pequena lucarna, uma tarefa das mais arriscadas. Para suportar o verão nestes apartamentos, não basta banhar o corpo, é preciso banhar a própria casa.

3. Elevador e escadas

Além do corredor, também a escada e o elevador são vistos como prolongamento do apartamento, como se pode constatar num anúncio de poucas linhas que louva espaços situados fora do imóvel em questão:

1 piece 7e 180 000F - Investisseurs! Enfin une chambre de service proche du lycee Victor Duruy. La qualite de la cage d'escalier et de l'ascenseur satisferont pleinement les futurs locataires.

No anúncio acima não havendo nenhuma qualidade a ressaltar, elogia-se a proximidade de uma escola preparatória para os exames de alto nível em filosofia, o hypokagne, (o liceu Victor Duruy), o vão da escada (la cage d'escalier) e o elevador (l'ascenseur)! Compreensível quando se analisa o cálculo, citado por Bertrand, segundo o qual o morador do sexto andar sobe anualmente 14.455 metros percorrendo o equivalente à 29 quilómetros horizontais com apenas duas escaladas cotidianas.

É bem verdade que nem sempre as escadas são espaçosas, sobretudo em prédios de alguns bairros como no Halles ou no Quartier Latin onde as escadas vão diminuindo de largura a cada andar. Céline que mora no 5o andar de um prédio do século XVIII, só consegue fazer uma mudança pela janela pois o vão da escada não permite a passagem de móveis. Isso só não é problema grave em Paris pois as empresas especializadas em mudanças contam com elevadores especiais semelhantes a escadas de bombeiros que permitem a transferência de móveis pelo lado de fora dos prédios. Nas plantas baixas que acompanham os anúncios é comum que o desenho inclua o corredor, as escadas e, eventualmente, o elevador.

A luz e a vista sobre a cidade que os apartamentos desvalorizados do térreo estão privados poderia ser compensada pela facilidade de acesso à esses apartamentos, porém acessibilidade aparece como item menos valorizado do que os dois primeiros.

O elevador, à partir de 1904, atenuou a hierarquia vertical dos apartamentos que desvalorizava os apartamentos dos andares superiores e, em alguns casos, inverteu-a. Mas a

instalação do elevador só se torna possível em prédios imponentes, onde havia uma grande escada, o elevador passando a ocupar o vão dessa escada. É importante lembrar que muitas vezes encontramos duas escadas diferentes num prédio, uma para a entrada do prédio da frente (*coté rue*), outra para a entrada do prédio dos fundos (*coté cour*), esta sendo menos valorizada que a primeira.

Quando os primeiros elevadores foram instalados nos prédios, eles quase nunca subiam até o 6o andar, parando no 5o, o último andar destinado à moradores burgueses. Por isto, hoje quando são anunciados elevadores para os apartamentos do 6o andar subentende-se que há apenas um andar à subir pelas escadas, do 5o ao 6o andar, como no caso dos apartamentos de Denise (6è) e de Sofia (13è) ambos constituídos pelo reagrupamento de algumas *chambres de bonne* e elevados à categoria de *deux pièces*.

Mais grave ainda é que em alguns casos o elevador é privilégio guardado a chaves e não acessível a todos os moradores. Stéphanie nos conta o drama do elevador no prédio onde morava no 15ème arrondissement:

"Eu morava no quinto andar, havia um elevador mas os moradores dos apartamentos do alto não tinham direito a usa-lo. Tentei por todos os meios obter a chave do elevador. Estava disposta a pagar os encargos que houvessem mas não tinha jeito. Finalmente, um dia a zeladora me emprestou a chave para que eu tirasse uma cópia as escondidas suplicando para que eu não contasse a ninguém. Fiquei contente e usava o elevador com frequência, porém, um dia, o cara que se achava proprietário do elevador me surpreendeu dentro e me perguntou, furioso, como eu tinha a chave - ao que respondi na hora, sem me dar conta, que eu tinha encontrado no chão do edifício."

No início do seu uso em Paris, o elevador era considerado um equipamento perigoso e de difícil manipulação. Historiadores relatam casos onde só a *concierge* tinha a chave para acionar a subida do elevador, fazendo com que todos devessem passar por sua intermediação para poder subir à algum apartamento do prédio. Hoje, a tecnologia discriminatória é mais sofisticada. No prédio de Julie, jovem filósofa francesa que mora em 9m2, o elevador tem a particularidade de servir apenas à aqueles que conhecem o código secreto. Moradora do 6o andar, ela só conseguiu o código após vários conflitos com a proprietária de sua *chambre de bonne*.

O elevador continua sendo considerado um aparelho perigoso até hoje na França, havendo muitos prédios que proíbem crianças de menos de 12 anos de andarem sozinhas nos elevadores⁷³.

⁷³ Também no Brasil, a presença de acensoristas ainda hoje em prédios comerciais parece confirmar isso.

Sua presença discriminatória no prédio, que exclui alguns moradores – curiosamente os que dele mais necessitariam – serve como mecanismo de hierarquização. Uma hierarquia vertical, entre os andares, prevalece assim sobre a hierarquia horizontal, que predomina em outras grandes cidades.⁷⁴ .Pois ainda que existam bairros tidos como “de ricos” (o 16, por exemplo) e bairros ditos de “pobres” (o 18, o 20, por exemplo) vamos encontrar as diferentes classes sociais em todos eles, vizinhando porém distinguindo-se. É importante frisar que são os arredores de Paris, a *banlieu*, que se dividem em bairros para ricos e bairros para pobres, formando guetos étnicos e econômicos que mantêm zonas inteiras a margem da cidade legítima.

4. As *concierges*

Depoimentos de moradores do 6o andar apontam para o fato das *concierges*, guardiãs e almas vivas desses prédios, os colocarem diariamente na condição de sub-moradores. “A gente é como um ninguém, cortado do mundo por causa da altura (...) e a *conciierge* é a polícia que nos controla, que fala mal de nosso barulho que parece incomodar os verdadeiros locatários, os que moram nos andares abaixo do nosso” diz uma das moradoras em *Sous les toits de Paris*. Se hoje elas já não passam a chave a noite para os locatários, como nas caricaturas de Honoré Daumier, ainda assim mantêm muitas de suas prerrogativas de controle. Em um dos prédios que visitamos havia um espelho que refletia para a lodge onde se instalava a *conciierge* tudo o que seus próprios olhos não poderiam ver. Como diz Carol (21m2): “Esse panóptico da vida privada sabe a hora em que desce para comprar pão, quando vou ver minha correspondência – que sabem qual é pois são elas que distribuem nas caixas correspondentes – quando saio e com quem, enfim, nenhum anonimato é possível”. Elas sabem que detêm um certo poder, algo bem diferente dos guardiões uniformizados dos prédios new-yorkinos da Park Avenue ou dos sub-servientes zeladores cariocas, que estão lá, abrem a porta, mas pouco interferem na vida dos moradores. Janette (6m2) relata que recebeu uma admoestação por escrito da *conciierge* por não ter ido se apresentar a ela na primeira semana em que estava no prédio.

⁷⁴ Por hierarquia horizontal entendemos a que se estabelece entre diferentes bairros de uma cidade. Ela não é de modo algum fixa mas historicamente determinada; assim, um bairro pobre pode passar a ser habitado por moradores de uma classe social mais elevada, no chamado processo de gentrificação, recorrente ainda hoje em cidades como New York ou London. Cf. Smith, Neil *The New urban Frontier - gentrification and the revanchist city* London, Routledge, 1996. Entre os autores que estudaram esta população excluída pensamos nos trabalhos de Colette Petonnet e a equipe de Gerard Althabe.

As *concierges* não vestem uniforme, são como os outros moradores, aliás muitas moram no prédio. Sofrem com eles os mesmos problemas de calefação ou de corte de água e eletricidade e tecem com eles amizades e inimizades. Sua solidariedade, porém, não se dirige aos locatários e sim aos proprietários ausentes. Qualquer ameaça ao prédio é vista como uma ameaça a elas mesmas.

A concierge, ou *gardienne* na sua versão mais atualizada, às vezes é citada nos textos dos anúncios imobiliários, para assegurar que se trata de um bom prédio: “o imóvel dispõe de empregados!” Sua presença é comparável ao do elevador - como num anúncio que oferece *gardienne et ascenseur*. Um dos agentes imobiliários fez questão de nos apresentar a *conciierge* pois ela também era latino-americana, imaginando talvez que esta “identidade” pudesse contar positivamente para nós.

A segurança, fantasma que assola os moradores de todos os grandes centros urbanos, também está presente em Paris. Permanecem as *concierges* embora seu significado tenha sofrido transformação. Se antigamente elas asseguravam um status e por isso eram obrigatórias nos prédios burgueses, hoje evocam mais a garantia contra eventuais ladrões. Nesse sentido, as *concierges* aproximaram-se de outros dispositivos cada vez mais frequentes em Paris, e anunciados como vantagens do prédio, como as portas blindadas nos apartamentos e os *digicodes* nos prédios⁷⁵.

5. Parques, cafês e livrarias

Depois de tudo o que dissemos sobre as condições precárias de algumas moradias em Paris – e para não induzirmos o leitor a pensar que são masoquistas os seus moradores -, algumas respostas se impõem. Porque os parisienses aceitam viver sob essas condições? Como entender que um tal espaço seja atrativo para os estrangeiros (ou para os franceses provenientes do interior)? A resposta parece residir para além das paredes dos apartamentos que descrevemos; está na cidade de Paris e tudo que oferece a moradores e visitantes.

Já mencionamos os banhos públicos como uma extensão comum para muitos desses apartamentos. E também apontamos a vista da cidade como uma parte importante do apartamento: os telhados de ardósia preta e cinza ou de zinco, com suas chaminés de barro

⁷⁵ Ver *Propriétaires et Locataires*.

compõem, para os nossos informantes, “uma bela vista” – embora raros dentre os que visitamos, de fato, proporcionam uma vista.

"Banhos públicos" e "vista", no entanto, não são os únicos espaços exteriores que interessam aos parisienses habitantes de pequenos espaços e aos habitantes de modo geral. Como sabemos, a concepção mesma da cidade moderna se efetivou em torno do papel predominante do espaço público. E Paris não é exceção. Zola em seu livro *Le ventre de Paris* já enfatizava a enorme importância das ruas, praças, mercados, fontes, bares para os parisienses pobres escaparem dos seus *pardieiros*. No início do século, as descrições de Baudelaire, Simmel e Benjamin, seus *flaneurs* e *blazes* nos fazem entender o lado espetáculo de uma grande metrópole, o encantamento presente no fato de se apenas vagar anonimamente nas avenidas ou assistir o andar alheio a partir de uma varanda de um café. Nesse momento, as vitrines dos recém abertos grandes magazines e o contato direto com os objetos exibidos (quase erótico, como descreve Balzac) também passam a constituírem prazeres sensuais no mundo desses moradores.

Hoje o espetáculo parisiense tem outros protagonistas e outra velocidade porém não perdeu em charme. Se muitas cidades poderiam ser apontadas como centros econômicos mundiais tal como propõe Hannertz, Paris o pode também como centro cultural “enquanto lugar de onde uma grande variedade de idéias e formas culturais podem se disseminar”⁷⁶. Sabemos que Paris é a cidade que mais recebe turistas no mundo, em torno de 50 milhões anuais; no entanto, nos interessa aqui menos o fato de ser a cidade mais visitada no mundo, dado que por si só comprovaria seu poder de atração, e mais o que é efetivamente usufruído pelos seus habitantes permanentes.

Para os seus moradores, hoje como ontem as ruas de Paris mantém seu charme - e continuam sendo vistas como uma extensão das casas. A cidade é admirada como imenso museus ao ar-livre no qual praticamente todas as ruas, praças, jardins já foram reproduzidas em pinturas, fotografias, cinema ou vídeo. Para além de considerações estéticas sobre o espaço parisiense, sobre a beleza da cidade, devemos reconhecer que o espaço público da cidade demonstra sua generosidade de muitas formas, algumas delas longe do que normalmente se esperaria de uma grande cidade. Oferece praças onde as crianças podem brincar em caixas de areia e com uma variedade de equipamentos públicos; mesas de ping-pong de cimento freqüentadas predominantemente por jovens e espaços livres onde preferencialmente homens

aposentados passam horas jogando *pétanque*⁷⁷. Oferece espaços onde os parisienses lêem jornais ou um livro em dias de sol. Oferece enormes parques nos seus extremos, o Bosque de Vincennes e o Bosque de Boulogne, e também diversos parques com grandes extensões de áreas verdes, como o Parque de Choisy, de Bercy, Kellermann, Monceau, de la Butte-du-Chapeau-Rouge, de Belleville, de Montsouris⁷⁸, André-Citroën, Buttes-Chaumont⁷⁹, Georges-Brassens. A lista dos jardins é extensa: Jardin de Luxembourg⁸⁰, Jardin de Plantes⁸¹, Jardin Saint-Vincent, Jardin de Fleur, Jardin des Halles, Jardin du Marais (Léopold-Achille, Saint-Gilles-Grand-Veneur), Moulin de la-Pointe, Jardin de Invalides, du Trocadéro, de la Zac Dorian, de Reuilly, Atlantique, de Ranelagh, Orphelins-Apprentis d'Auteuil, de l'Arsenal, des Blancs-Manteaux, de l'Intendant, du Marais, du Pré-aux-Chevaux, Saint-Vincent, Sarah-Bernardt, de Auteuil, Thomire. E ainda mais extensa a de praças, as chamadas *squares*. Lá os parisienses passam tempo em contato com a natureza, fazem picnics, andam de bicicleta, jogam volley, bat-mits ou apenas caminham e lêem; lá eles passeiam cachorros, alimentam pombos e gatos públicos - como a velha senhora que observamos repetidas vezes no parque do Trocadero, em frente ao Museu do cinema, com uma panela cheia de restos para os “seus” gatos que depois de alimentos, eram acolhidos e recebiam carícias sentados sobre um paninho branco que ela cuidadosamente mantinha sobre o colo para evitar sujar um casaco de peles já bem gasto.

Paris oferece as margens do Sena para banhos de sol e picnics mas também para performances e aulas de jiu-jitsu, capoeira, tai-shi e danças; oferece lugares arranjados para longas caminhadas, como a calçada ao longo do canal de Saint Martin; e até os cemitérios (Montmartre, Montparnasse, Passy e Père-Lachaise) são frequentemente usados como parques tal como nos descreveram a antropóloga Colette Petonnet (1987). As fontes (como a de Trocadero e des Innocents) servem como piscinas ao ar-livre para jovens turistas nos dias mais quentes de agosto, e o gramado dos parques (como Champs de Mars, Parc de Montsouris, etc) são transformados em salas de visita onde grupos de amigos conversam em dias de clima

⁷⁶ Hannerz, Ulf “The cultural role of world cities” em Cohen, A, e Fukui, Katsuyoshi *Humanising the City?* Edinburgh, Edinburgh university Press, 1993.

⁷⁷ Jogo semelhante a bocha.

⁷⁸ Aparece no filme PARIS EST UNE FÔRET, de Georges Franju e CLEO DE 5 à 7 de Agnès Varda, entre outros.

⁷⁹ Aparece no filme LA FEMME DE L'AVIATEUR, de Éric Rohmer.

⁸⁰ Aparece em inúmeros filmes entre os quais TOUS LES GARÇONS S'APPELLENT PATRICK, de Jean-Luc Godard e LES JARDINS DU LUXEMBOURG de Joëlle Van Effenterre.

⁸¹ Aparece em muitos filmes, entre eles em LA PUNITION, de Jean Rouch.

ameno. Sem mencionar o calçadão inclinado em frente ao Centro Cultural Georges Pompidou, o *Beaubourg*, chamada de “praia” pelos turistas e parisienses que deitam em suas lajotas para se beneficiarem dos raios de sol enquanto assistem um espetáculo de mímica, teatro ou circo.

As ruas tem se tornado cada vez mais espaços usados para o esporte – com grupos de rollers, de bicicleta, de patinetes – mas caminhar por Paris tornou-se uma atividade prazerosa bem antes da cultura do corpo do fim do século. Martine Segalent (1997), em sua interessante etnografia dos praticantes de cooper na cidade, nos mostra o quanto esta atividade cria uma sociabilidade silenciosa entre pessoas que se conhecem dos trajetos de corrida. Paris possui 100 quilômetros de ciclos-vias e continua expandindo-as pois bicicletas e hoje rollers são meios comuns de transporte. Na primeira sexta a noite de cada mês, quase dois mil praticantes de roller reúnem-se em frente do Centro Comercial Galaxy na Place d'Italie para uma volta em grupo pela cidade, sob a proteção de carros de polícia. E todos os fins-de-semana, as avenidas que margeiam o Sena são fechadas para os automóveis e tomadas pelos amadores destes esportes. O solo de mármore do Trocadero assim como o da Bastille são também pontos privilegiados para praticantes de skaters e rollers.

Além disso, existem os espaços públicos interiores. Durante o inverno, um extenso número de lugares - Centro Georges Pompidou, Les Halles e diversos shoppings ou grandes magazines (Gallerie Lafayette, Samaritaine, BHV, etc.) funcionam como bulevares e praças. A praça da Agora no interior do Les Halles é usada como ponto de encontro de jovens e adolescentes que ali permanecem por horas, à vezes acompanhados de cães ou dançando hip-hop. Do mesmo modo no Beaubourg hall, que atrai pessoas mais velhas. Espaços normalmente usados para a circulação transformam-se em pontos de encontro em datas especiais durante o ano, como é o caso de certas estações de metro onde são instalados postos de televisão durante o torneio de tênis de Roland Garros e o foi durante a Copa do Mundo disputada na França. O metrô, aliás, serve como palco para músicos e como mercado para os vendedores de frutas, óculos ou de artesanato. Desde 1975, a Carte Orange (um passe de transporte que custa cerca de 60 dólares) permite aos seus compradores de utilizarem à vontade em todas as horas do dia e dias do mês, e é um estímulo para pessoas mais velhas tomarem o ônibus apenas pelo passeio.

Inúmeras bibliotecas também são lugares para se estar durante o dia. Cada bairro de Paris possui uma biblioteca pública de fácil acesso. Além dos livros, elas oferecem os jornais do dia e uma variedade de revistas e em alguns casos setor de multimídia. São visitadas por estudantes, é claro, mas também por outros habitantes do bairro, em busca de leitura ou apenas

do calor do espaço no inverno, onde muitas vezes todos os lugares são tomados e é preciso sentar no chão por uma consulta mais prolongada. A popularidade dessas 62 bibliotecas pode ser medida pela extensão da fila da do Beaubourg, uma das maiores e mais centrais. Alguns as visitam em horários precisos para ler o jornal ou as revistas, É possível circular entre estas bibliotecas uma vez que o cartão de uma dessas bibliotecas parisienses concede livre acesso a todas as outras, que tem os acervos ligados em rede por computador. Quem quer ler, pode recorrer a outros espaços, como o das livrarias e grandes magazines que vendem livros. É bem comum encontrarmos, como no setor de histórias em quadrinhos da FNAC – uma das mega-livrarias da cidade - dezenas de leitores sentados no chão lendo suas histórias favoritas ou, como na imensa loja Virgin localizada nos Champs Elisées, ouvindo CDs.

Além desses espaços públicos gratuitos, há os que cobram entrada: museus, teatros, galerias de arte e mais de 300 cinemas. Um casal de amigos que mora com as duas filhas em 28m² nos conta que: "Nós costumávamos ir ao cinema com a Anne, tinha só dois anos mas eles deixavam entrar. Era um modo de escapar da casa".

O mais famoso dos espaços fechados parisienses, no entanto, são os cafés (Langle,1990), esses mais do que nenhum espaço funcionando como uma extensão dos seus apartamentos. São usados para se encontrar amigos, para se ficar trabalhando ou simplesmente para ver a vida passar. A literatura é plena de escritores que usaram cafés como suas segundas casas (Hemingway, Verlaine, Benjamin, Sartre, Beauvoir e a lista prossegue), passando ali a maior parte do dia ou da noite. Hoje, muitos cafés mantêm ainda hoje essa função (Dumazier, 1962:197-249). Por exemplo, no segundo andar de alguns cafés como o Deux Magots ou o Le Cluny encontramos uma sala com poltronas confortáveis onde escritores e intelectuais passam o seu tempo. Na ausência de salas para os professores na Sorbonne, muitos mestres não raramente convidam os estudantes para orientações em um dos cafés da Praça da Sorbonne ou ao café Balthar que também oferecem salas com cadeiras confortáveis. Outros, simplesmente aproveitam os cafés para economizar o aquecimento das casas.

Claro, toda essa generosidade dos cafés de um preço. E o preço, usualmente alto, varia para o mesmo *expresso* de acordo com um suposto valor-espaço: um café no balcão pode custar metade do preço de um café na mesa que ainda assim pode ser metade do preço de

tomá-lo na vitrine (varanda) ou nas mesas situados no exterior. Ao invés de cobrar pelo tempo, os cafés cobram pelo espaço, estabelecendo uma escala não-arbitrária de preços⁸².

As minúsculas cozinhas destes pequenos apartamentos têm também uma extensão: os restaurantes universitários ou, para os que têm a sorte de estar ligados a algum laboratório de pesquisa do CNRS, as "cantinas". Silvio, um colega professor de São Paulo, contou-nos. "Minha vida mudou completamente depois que descobri a cantina da MSH⁸³, eu me tornei mais alegre". Nesse caso, não se trata apenas da qualidade da comida, trata-se também de não comer sozinho, pois embora raramente converse com o vizinho na mesa, a companhia lhe faz bem.

Conclusão

O que nos evocam os pequenos apartamentos de Paris? Em primeiro lugar, o efêmero, o circunstancial, o sacrificial. São espaços de moradia, portanto, deveriam ser espaços onde se está, onde se permanece. Mas, para os seus habitantes, estar ali é um fase transitória na vida, uma passagem. Ninguém se vê enquanto morador desses pequenos apartamentos por toda a vida. Se está ali por algum tempo - o tempo do sacrifício imposto pela condição de aprendiz social, daquele que não está ainda plenamente integrado na sociedade, o estudante; o tempo do sacrifício imposto por esta *première location*, que serve para juntar fundos para ir para outro lugar, aí sim, a casa, o lar.

Essa não integração simbólica do morador ao espaço dos pequenos apartamentos nos leva a segunda imagem que esses espaços evocam: a de exclusão. Uma exclusão que, nos bairros centrais de Paris, não se faz de modo horizontal e sim verticalmente, pela hierarquia entre andares. O que é inédito em Paris, portanto, não é tanto a existência de moradias precárias do ponto de vista dos equipamentos oferecidos ou do seu tamanho. Isso existe em

⁸² Para os nossos informantes brasileiros, os bares, chamados de "barzinho" (classes médias e altas) ou "botequim" (classes populares), são parte de suas vidas mas de modo algum aparecem relacionados com o trabalho. Um bar brasileiro aproxima-se mais de um pub inglês do que de um café francês; lá espera-se que se converse e tome-se bebidas alcoólicas, preferencialmente cerveja. Ainda que alguns escritores e jornalistas achem inspiração nesses espaços, não é lá que produzem suas obras, exceto talvez alguns músicos (por exemplo, o clássico de Tom Jobim, "Garota de Ipanema", parece ter sido composto em um bar assim como inúmeras canções de Lupicínio, Vinícius, entre outros). Poucos dos nossos informantes brasileiros usavam o café em Paris como local de trabalho, preferindo as bibliotecas como extensões de seus escritórios.

qualquer grande cidade do mundo e ainda mais nas últimas décadas com o crescimento de uma população dita do quarto mundo. O inédito é que em Paris existe uma mistura espacial de moradias ricas e pobres, sem que isto se configure concretamente em exclusão social, numa tradição que remonta a monarquia e que pode ser bem sintetizada no conselho de François Miron à Henri IV:

“Não deve acontecer em Paris que os riquinhos estejam de um lado e os pequenos de outro. No interesse do Rei, nosso caro Senhor, e de nossa boa cidade, vale mais lhes misturar”⁸⁴

A mistura social dos moradores, consequência da mistura dos tipos de residência, era aconselhada como um meio humanitário de contribuir à paz social através do entendimento entre vizinhos. O resultado, no entanto, é que no lugar de uma hierarquia horizontal, em Paris a tradição fez com que prevalecesse uma hierarquia vertical, no próprio edifício.

Habitar uma *chambre de bonne*, uma *loge de concierge*, um quarto que se quer *studio* é, como nos tempos das “*bonnes à tout faire*”, estar perto da vida social dos verdadeiros cidadãos, conviver com eles mas não estar plenamente integrado no prédio. Viver nestes micro-apartamentos é estar de alguma forma num espaço liminar, espaço que caracteriza o período dos estudos. A *chambre de bonne* está perto do telhado, um extremo, assim como a *loge de concierge* que está no térreo (*rez-de-chaussée*) dos prédios, lugar semi-público, lugar do lobby, da espera para aceder as moradias, lugar das caixas de correspondência, da espera do elevador. Num caso, se está excluído porque lá, no sexto-andar, ninguém sobe; no outro, porque por ali todos passam, se está perto do portão, dos estranhos, em uma palavra, da rua. Uma se localiza no último andar, a outra nem em um andar está. Se no interior do prédio, estes pequenos espaços ocupam um lugar marginal, no plano da vida pública isto fica totalmente apagado pois o que importa é “Ter um bom endereço”, num bairro ou numa rua de prestígio, como nos contava a filósofa francesa Claire, agora professora concursada pelo Estado francês, que mesmo com um bom salário continuava morando num *studio*, recebendo amigos (e entrevistadoras) num dos cafés da última moda parisiense.

O fato da cultura parisiense permitir que um jovem estudante more num espaço que seria considerado “marginal” em outra grande cidade do mundo, sem que isto se configure num rebaixamento de condição social nos pareceu uma questão peculiar sobre as

⁸³ Maison de Science de l’Homme

⁸⁴ "Il ne faut que dans Paris, les dodus soient d'un côté et les menus de l'autre, dans l'intérêt du Roi, notre cher Sire, et de notre bonne ville, il les vaut mieux mélanger". Bertrand, Jean Michel *Architecture de l'habitat urbain - la maison, le quartier, la ville*. Paris, Dunod, 1980:145.

representações sociais da moradia em Paris. Pois viver num quarto sem ducha ou WC não é considerado humilhante, como seria no Brasil, e faz inclusive parte dos ritos iniciáticos da vida intelectual francesa. No entanto, estes espaços de moradia só são aceitos se transitórios e ligados ao período liminar da vida de estudante, uma vez que após o fim dos estudos este tipo de moradia se torna “inconveniente” para um jovem de classe média em busca de inserção social.

Post-Scriptum

Edith Cresson, então primeira-ministra, entrevistada em 1991 pela TV inglesa e pronunciou a frase que por semanas envolveu os serviços diplomáticos de dois países, acarretando inúmeros pedidos de escusas da parte do governo Mitterrand: "Os japoneses são como formigas, vivem empilhados". Lembramos que ao ouvir a declaração num jornal televisivo francês que a retransmitiu em dada a enorme repercussão do caso nos vieram imediatamente tanto imagens da exiguidade dos espaços no Japão⁸⁵ como em Paris, capital da França que tanto se indignava com o estilo de vida japonês. Para os franceses como Cresson, isso não era modo de morar humano, e na busca de um animal que também fosse exemplo de disciplina, a escolha recaiu sobre as formigas. Mas, para nós brasileiras, eram os parisienses que pareciam enjaulados durante o inverno em suas micro-gaiolas, com a particularidade de vizinharem com moradores de grandes apartamentos. A divisão social por bairros, iniciada por Haussman, ainda não conseguiu desalojar esses moradores e assim os japoneses do sexto-andar continuam convivendo com os parisienses de Cresson.

Bibliografia

- Arendt, Hannah e Mary McCarthy. *Correspondance 1949-1975*. Paris, Stock, 1996.
 Augé, Marc *Domaines et Châteaux*. Paris, Seuil, 1989.
 Bachelard, G. *La poétique de l'espace*. Paris, PUF, 1984 (1957)
 Balzac, Honoré. *Les petits-bourgeois* (1ª edição 1843).
 Bertrand, Jean Michel *Architecture de l'habitat urbain - la maison, le quartier, la ville*. Paris, Dunod, 1980:145.
 Bourdieu, Pierre “Vous avez dit populaire?” em *Actes de la Recherche*, 46:98-105, 1983.
 Butler,, Rémy e Patrice Noisette *Le Logement social en France 1815-1981- De la cité ouvrière au grande ensemble*. La Découverte/Maspero, 1983
 Clanché, François “Le confort des logements dessine aussi l'espace social” em *Économie et Statistique*. 288-289, 1995 - 8/9

⁸⁵ Como por exemplo, as cenas de Wim Wender em *Até o fim do mundo* de um hotel japonês onde os quartos eram gavetas.

- Pettonnet, Colette. "L'anonymat ou la pellicule protectrice dans la ville inquiète", dans *Chemins de la ville. Enquêtes ethnologiques*. Paris, Comité des Travaux historiques et scientifiques, 1987.
- Duarte, L.Fernando *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. RJ, Zahar, 1986.
- Fonseca, Claudia *Caminhos da Adoção*. SP, Cortez editora, 1995.
- France, Anatole *Le Petit Pierre* Paris, 1918.
- Freyre, Gilberto *Sobrados e Mucambos*, José Olimpio Editora, Rio de Janeiro, 1985 (7a edição).
- Gerard Althabe
- Grossi, M.P e Rial, C.S. "Notre chère Denise" in ILHA – revista de antropologia n.1, vol 0.
- Hannerz, Ulf "The cultural role of world cities" em Cohen, A, e Fukui, Katsuyoshi *Humanising the City?* Edinburg, Edinburg university Press, 1993.
- Hemingway, Ernest *Paris é uma festa*. Rio, Civilização Brasileira, 1991:8. (ed. original em inglês 1964)
- Leiris, Michel. "Le sacré dans la vie quotidienne", dans Hollier, D.(ed.) *Le Collège de Sociologie*. Paris, Gallimard, 1979.
- Martin-Fugier, Anne *La Place des Bonnes (La domesticité féminine en 1900)*, Paris, Grasset, 1979.
- Mauss, Marcel "As técnicas Corporais" em *Sociologia e Antropologia*. SP, USP, 1974 (1950).
- Monique Eleb et Anne Debarre *L'invention de l'habitation moderne - Paris 1880-1914*, Hazan et Archives d'Architecture Moderne, 1995.
- Paindailhé-Galabrun, Annick. *La naissance de l'intimité*, Paris, PUF, 1988.
- Segalen, Martine. *Les talons d'Achille*, Paris, Métailié, 1997.
- Smith, Neil, *The New Urban Frontier - gentrification and the revanchist city*, London, Routledge, 1996.
- Velho, Gilberto *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- Velho, Gilberto *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- Zola, E. *Pot-Bouille* Paris, (1882).

Outras Publicações

Le Monde de 11/12 mai 1997

L'Eclaireur Immobilier, n.4, mai 1997.

Guide des Maisons d'Artistes et d'Ecrivains en Région Parisienne, ed. La Manufacture, 1995.

PARIS - Le journal (Magazine d'information de la Ville de Paris) n. 69, 15.11.1996, pp 86/87.

LPS - Logement Privilège Services n. 3, avril/mai 1997.

Bien Sûr immobilier, s/n., s/n.

FUSAC

Guide des Maisons d'Artistes et d'Ecrivains en Région Parisienne, ed. La Manufacture, 1995

Filmes de ficção e documentários

"Villes Blessées, par la folie des hommes ou la colère des dieux" Programma du 12 mars au 6 mai 1997, Vidéotheque de Paris, n.17.

"Sous les toits de Paris", M. Spinelli et P.Gallo, 1986 (25 mn)

"Chambres de Bonne", Jean Loic Portron, 1980. (13 mn)

"C'est déjà loué", Joel Dupont, 1981 (13 mn)

"Une femme est une femme", Jean Luc Godard, 1967.

“Deux ou trois choses que je sais d’elle”, Jean Luc Godard, 1969.
“Tous les garçons s’appellent Patrick”, de Jean-Luc Godard
“Paris est une forêt” de Georges Franju
“Cléo de 5 à 7” de Agnès Varda
“La femme de l’aviateur”, de Éric Rohmer
“Les jardins du Luxembourg” de Joëlle Van Effenterre.
“La punitions” de Jean Rouch
“Até o fim do mundo” de Wim Wender